

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

GILBERTO LUIZ BRANDALISE

**IMPACTO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA NO DESEMPENHO DE VINÍCOLAS NO
PERÍODO 2002 A 2012**

**CAXIAS DO SUL
2019**

GILBERTO LUIZ BRANDALISE

**IMPACTO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA NO DESEMPENHO DE VINÍCOLAS NO
PERÍODO 2002 A 2012**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biotecnologia da Universidade de Caxias do Sul, para obtenção de grau de Mestre em Biotecnologia e Gestão Vitivinícola, área de concentração Gestão Vitivinícola.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Birch
Gonçalves

**CAXIAS DO SUL
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

B817i Brandalise, Gilberto Luiz

Impacto da indicação geográfica no desempenho de vinícolas no período 2002 a 2012 / Gilberto Luiz Brandalise. – 2019.

75 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia, 2019.

Orientação: Roberto Birch Gonçalves.

1. Vitivinicultura. 2. Desenvolvimento econômico. 3. Vale dos Vinhedos, Região (RS). I. Gonçalves, Roberto Birch, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 634.8

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Michele Fernanda Silveira da Silveira - CRB 10/2334

GILBERTO LUIZ BRANDALISE

**IMPACTO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA NO DESEMPENHO DE VINÍCOLAS NO
PERÍODO 2002 A 2012**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Biotecnologia e Gestão Vitivinícola da Universidade de Caxias do Sul, visando á obtenção de grau de Mestre em Biotecnologia e Gestão Vitivinícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 03 DE ABRIL DE 2019

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberto Birch Gonçalves (Orientador)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Marlei Salete Mecca.
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Gabriel Fernandes Pauletti
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Sergio Echeverrigaray Laguna
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Gostaria de lembrar e dedicar este trabalho de Dissertação aos meus pais, em especial ao meu pai Dionysio Brandalise que, está em outro plano, de origem muito humilde não mediu esforços para podermos estudar no ensino fundamental em escolas da cidade. Via a importância de estudar para ter crescimento e formação profissional. Tenho certeza que está presente neste momento importante para mim, depois de 46 anos de bancos de escola e 23 anos de professor universitário. Assimilei a humildade a ética e a força do trabalho pela convivência.

Dedico também a todas as pessoas que se superam na vida, buscando crescimento e entendimento, enfrentando dificuldades familiares, sociais e sistemáticas para almejem seus objetivos, fundamentados na ética e no respeito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me acompanhado e me dado fé nos momentos mais difíceis e a acreditar no trabalho e na ética como pilares da existência humana. Vivendo momentos inimagináveis durante o processo, pois Ele às vezes nos manda auxílio de anjos disfarçados de pessoas, nas necessidades da vida.

Agradeço a Universidade de Caxias do Sul, uma das maiores universidades do país, por nela trabalhar e me qualificar, desenvolvendo minhas atividades junto a alunos e professores competentes, obtendo experiências e crescimento profissional. Aos professores do Mestrado Profissional em Biotecnologia e Gestão

Vitivinicola, pelos ensinamentos e participação nesta etapa acadêmica, ao professor Dr. Jaime Fensteiseifer e ao professor Dr. Roberto Birch Gonçalves que me orientou para concluir meu trabalho de dissertação. Tenho que lembrar do professor Jaime Lovatel que teve participação importante nas aulas e o professor Sergio Echeverrigaray, coordenador do Mestrado.

Aos meus colegas professores do curso de Economia, pela preocupação e incentivo nesta tarefa acadêmica que se colocaram à disposição para quaisquer necessidades.

Aos entrevistados das seis vinícolas que tiveram a compreensão de responder o questionário da pesquisa da dissertação, sendo eles: Vinícola Cave de Pedra: Sr. Ivo Farenzena; Vinícola Larentis: Sr. André Larentis; Vinícola Don Cândido: Sr. Cãn Cândido Valduga; Vinícola Cavalleri; Sr. Nilso Cavalleri; Vinícola Lídio Carraro: Sra. Isabel Carraro e a Vinícola Don Laurindo: Sr. Ademir Brandelli.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas maravilhosas.”

José de Alencar

RESUMO

No Brasil, a vitivinicultura não teve desenvolvimento nos primeiros séculos da colonização. O Rio Grande do Sul foi protagonista da vitivinicultura brasileira com os padres Jesuítas por volta de 1626, mas foi com a colonização de alemães e italianos que a vitivinicultura teve início. Com a chegada dos italianos ao estado, que iniciou em 1875, a serra gaúcha foi se destacando na produção de uvas e vinhos, impulsionando o crescimento regional com geração de renda. Atualmente 15 mil famílias produzem uvas e algumas vinhos, todas pequenas propriedades baseadas na agricultura familiar. Nos últimos 20 anos, o setor vitivinícola, especialmente na região de Bento Gonçalves, evoluiu muito na produção de uvas e vinhos finos. Em 1995 foi criada a APROVALE, uma associação que tem por objetivos de qualificar e promover os vinhos da região do Vale dos Vinhedos, culminando com o registro da primeira Indicação Geográfica para vinhos no Brasil, em 2002. Na Europa, centenas de produtos são identificados pelo lugar de origem sendo um signo de identificação de qualidade e reconhecimento. Com a implantação da IPVV (Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos) as formas de produzir uvas e vinhos foram modificadas, dando padrões de qualidade e entendimentos diferentes, usando práticas conceituais e ferramentas de gestão. O presente trabalho se caracteriza por um estudo de caso junto a seis vinícolas, pertencentes a APROVALE, duas de pequeno porte e quatro de médio porte. Para o estudo foram pesquisadas as variáveis: uso de tecnologia na produção de uvas e vinhos, preços dos vinhos praticados no período, escolaridade dos funcionários e proprietários e remuneração dos trabalhadores. Os resultados da pesquisa apontaram para uma melhora significativa na parte da produção de uvas e vinificação, com incremento de máquinas e equipamentos. Com a passar do tempo a região se tornou um roteiro enoturístico, com a oferta diversificada de produtos e serviços, consolidando-se como um dos principais roteiros de turismo da região.

Palavras-chave: Vitivinicultura, Indicação de Procedência, Crescimento Econômico, Vale dos Vinhedos

ABSTRACT

In Brazil, viticulture was not developed in the first centuries of its colonization. Rio Grande do Sul State, along with the Jesuits started viticulture around 1626. But it was only in the settlement of Germans and Italians that Viticulture developed in the State. With the arrival of the first Italians in 1875, Rio Grande do Sul increased the production of grapes and wines which boosted regional growth and generated more income. Currently 15,000 families grow grapes and make some wine, all in small properties based on family farming. In the last 20 years, wine manufacturing, especially in the Valley of the Vineyards in Bento Gonçalves Region has evolved greatly. In 1995 APROVALE was founded, an association that aimed qualifying and promoting wines from The Valley of the Vineyards, accomplishing the registration of the first Geographical Indication for Brazilian wines in 2002. In Europe, hundreds of products are identified by the place of origin being a sign of quality and recognition. With the implantation of IPVV, the ways of growing grapes and manufacturing wines were changed, giving quality standards and different approaches, using conceptual practices and management tools. The present work is characterized by a case study with six wineries, belonging to APROVALE, two small and four medium ones. The research used technology knowledge in the production of grapes and wines, verifying the growth of economic variables from 2002 to 2012. The economics variables, the schooling and the remuneration of workers and the prices of wines sold in that period were also taken into account. Over time, the region has become an enotouristic itinerary, with a varied offer of products and services, becoming one of the main tourism itineraries in the region.

Key words: Viticulture, Indication of origin, Economic growth, The Valley of the Vineyards

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Maiores produtores de vinho.....	19
Figura 2 – Evolução da Produção no Rio Grande do Sul.....	22
Figura 3 – Mostra a área geográfica da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos.....	42
Figura 4 – Área em hectares cultivada de vinhedos.....	49
Figura 5 – Práticas agrícolas.....	50
Figura 6 – Colheita de uvas.....	50
Figura 7 – Mecanização agrícola.....	51
Figura 8 – Equipamentos na vinificação.....	52
Figura 9 – Envelhecimento e engarrafamento do vinho.....	52
Figura 10 – Volume de vinhos produzidos.....	54
Figura 11 – Escolaridades dos funcionários.....	54
Figura 12 – Escolaridade da família.....	55
Figura 13 – Gestão administrativa e operacional.....	56
Figura 14 – Evolução do uso de tecnologia da informação.....	56
Figura 15 – Profissionais de gestão.....	57
Figura 16 – Média anual de turistas que visitam as vinícolas.....	57
Figura 17 – Venda de vinhos.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características da Agricultura Patronal e Familiar.....	26
Quadro 2 – Preços médios dos vinhos praticados em 2002 e 2012 e preços corrigidos pela inflação no período com bases 2002. Em R\$.....	53
Quadro 3 – Remuneração dos funcionários.....	55

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Uvas Processadas pelas Empresas do Rio Grande do Sul de 2004 a 2011 (Milhões de kg)	21
Tabela 2 – Elaboração de Vinhos e Derivados no Rio Grande do Sul – 2004 a 2011 (Milhões de litros).....	21
Tabela 3 – Comercialização de Sucos pelas Empresas do RS de 2004 a 2011 (milhões de litros)	22
Tabela 4 – Comercialização de Vinhos Finos pelas Empresas do Rio Grande do Sul de 2004 a 2011 (milhões litros)	23
Tabela 5 – Comercialização de Vinhos de Mesa das Empresas do RS de 2004 a 2011 (milhões)	23
Tabela 6 – Importação de Vinhos Finos pelo País e Países de Origem de 2004 a 2011(Milhões de litros)	24

LISTA DE SIGLAS

APROVALE	Associação dos Produtores de Vinhos Vale dos Vinhedos
ALICEWEB	Análise das Informações Comércio Exterior via Internet
CEPAN	Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócio
CEPAL	Comissão Econômica Para América Latina e Caribe
CP	Custo de Produção
EA	Escola de Administração
FAO	Food and Agriculture Organization of the United Nations
IPVV	Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAVIN	Instituto Brasileiro do Vinho
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INPI	Instituto Nacional de Propriedade Intelectual
IP	Indicação de Procedência
LPI	Lei de Propriedade Intelectual
L	Lucros
MAPA	Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MDIC	Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio
OIV	Organização Internacional do Vinho
ONU	Organização das Nações Unidas
OMC	Organização Mundial do Comércio
P	Preços
UCS	Universidade de Caxias do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USA	United States of América

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	PROBLEMA E OBJETIVOS	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	A VITIVINICULTURA MUNDIAL.....	18
2.2	O SETOR VITIVINÍCOLA REGIONAL.....	19
2.3	A AGRICULTURA FAMILIAR E A AGROINDÚSTRIA	25
2.4	CRESCIMENTO ECONÔMICO.....	27
2.5	INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS	40
2.5.1	Normas da Vitivinicultura com Indicação Geográfica Vale dos Vinhedos	41
3	METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS.....	47
3.1	CARACTERIZAÇÃO	47
3.2	COLETA DE DADOS	48
4	RESULTADOS DA PESQUISA	49
4.1	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
	REFERÊNCIAS.....	64
	APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	68

1 INTRODUÇÃO

As primeiras videiras foram introduzidas no Brasil em 1532, por Martim Afonso de Souza. A princípio instaladas na capitania de São Vicente, foram disseminadas posteriormente para outras regiões, porém sem resultados significativos em seu cultivo, devido a dificuldades de manejo e doenças. Essas videiras eram *Vitis vinífera*, oriundas de Portugal e da Espanha. No Rio Grande do Sul, as primeiras videiras foram introduzidas pelos padres jesuítas em 1626, nas missões. Posteriormente os imigrantes alemães, a partir de 1824, cultivaram uvas de origem americanas ou *Vitis labruscas*, nas colônias onde se estabeleceram, sem obterem resultados econômicos significativos em seu cultivo. Porém, a viticultura gaúcha teve um grande impulso com a colonização italiana fixada na Serra Gaúcha, a partir de 1875, que junto trouxe uma forte cultura de produção de uvas e vinhos (NEUMANN, 2003).

Vitis Vinífera, variedade de maior qualidade, usadas na fabricação de vinhos nobres, muito cultivadas na Europa. *Vitis labrusca*, americanas, menos requintadas, servem para consumo in natura e para fabricar vinho de mesa.. São mais resistentes às variações climáticas e doenças (MARTINS, 1999).

A viticultura foi relevante para a Serra Gaúcha, pois foi uma das fontes de crescimento econômico regional no século XX, com inúmeras vinícolas que processavam uvas, gerando emprego e renda. Atualmente, a vitivinicultura na Serra Gaúcha se caracteriza como atividade tipicamente familiar, envolvendo cerca de 15 mil produtores. Esta atividade ganhou destaque, como no Vale dos Vinhedos, onde surgiram mais de duas dezenas de vinícolas produzindo uvas e vinhos varietais, com práticas agrícolas e enológicas de alta qualidade. Além disso, a produção de vinhos no Vale dos Vinhedos tem gerado renda indireta com o surgimento de outras atividades, com o incremento do enoturismo, pousadas, restaurantes, etc. (FALCADE, 2004).

A evolução do setor vitivinícola regional e nacional nos últimos 20 anos, proporcionou a produção de uvas e vinhos que indicam sua origem. As Indicações Geográficas são um signo distintivo que pode agregar valor e gerar riqueza, sendo uma maneira de beneficiar o desenvolvimento da agricultura familiar do Brasil, com produtos de reconhecida qualidade. As Indicações Geográficas são uma ferramenta

coletiva de promoção mercadológica e têm por objetivo destacar lugares, pessoas e produtos, evocando sua herança histórico-cultural, considerada intransferível (TONIETTO, 2003).

O setor vinícola do país tem enfrentado dificuldades com a concorrência dos vinhos importados, de boa qualidade e com preços atraentes. Segundo Chadad (1996), para enfrentar este problema, as Indicações Geográficas são formas de agregar valor a produtos com baixa escala de produção, tornando-os competitivos no mercado.

Nos países do Velho Mundo, principalmente na França, em Portugal, na Espanha e na Itália, vinhos, laticínios, azeites e carnes são os produtos que mais usam Indicações Geográficas como forma de identificação e valorização. No Brasil, projetos com esse sistema já são aplicados ao café, ao vinho, à cachaça e ao queijo, sendo o setor vinícola o que mais avança nesse sentido (INPI, 2000).

A associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE) foi criada em 1995, tendo como objetivos, dentre outros, o estabelecimento e a proteção de Indicação Geográfica para os vinhos do Vale dos Vinhedos (TONIETTO, 2002).

Um conjunto de providências foram implementadas pela APROVALE, ao longo de seis anos de trabalho, incluindo ações de desenvolvimento científico e tecnológico, e estudos de zoneamento vitivinícola desenvolvidos pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pela Embrapa Uva e Vinho (FALCADE et al., 1999). Os esforços foram consolidados através da implementação da primeira indicação geográfica no Brasil, identificada pelo nome geográfico Vale dos Vinhedos, estruturada como uma Indicação de Procedência.

A Indicação de Procedência (IP) Vale dos Vinhedos segue as normas do regulamento de uso, estabelecido para a sua operacionalização, através do Conselho Regulador elaborado pela APROVALE, em conjunto com a Embrapa Uva e Vinho e Universidade de Caxias do Sul (APROVALE, 2001).

O crescimento econômico no setor de uvas e vinhos depende da expansão quantitativa ou qualitativa de alguns fatores que se enquadram nas teorias econômicas. Estas teorias serão relatadas no decorrer do trabalho.

A produtividade e o crescimento econômico dependem tanto da expansão dos recursos quanto do progresso tecnológico, mas os avanços tecnológicos permitem que os recursos sejam mais produtivos. Se a quantidade de recursos

aumentar e cada recurso for mais produtivo, a produção crescerá ainda mais depressa que a quantidade de recursos. Assim, o crescimento econômico é a soma da taxa de crescimento da produtividade do total dos fatores mais a taxa de crescimento dos recursos: $\text{crescimento econômico} = \text{taxa de crescimento dos fatores} + \text{taxa de crescimento dos recursos}$ (BOYES; MELVIN, 2006).

O crescimento econômico e da renda decorre das variações na quantidade e na qualidade de insumos básicos: capital, mão de obra, tecnologia e outros, sendo um fenômeno global da sociedade, que atinge toda a estrutura social, política e econômica. Nesse sentido, para Vasconcellos (2008), as forças de crescimento são as seguintes:

- a) Aumento da força de trabalho (quantidade de mão de obra);
- b) Aumento do estoque de capital, ou da capacidade produtiva;
- c) Melhoria na qualidade da mão de obra, através de programas de educação, treinamento e especialização;
- d) Melhoria tecnológica, que aumenta a eficiência na utilização do estoque de capital;
- e) Eficiência organizacional, ou seja, a qualidade da interação dos insumos produtivos.

Nos temas da agricultura familiar e do crescimento econômico, a agroindústria tem um papel fundamental, completando o elo entre estes conceitos. As agroindústrias do vinho trazem uma carga cultural significativa, herdada dos colonizadores, principalmente dos italianos. A produção de vinhos faz parte da tradição de muitas famílias, sendo geradora de renda e crescimento nas propriedades, especialmente na Serra Gaúcha (NEUMANN, 2003).

1.1 PROBLEMA E OBJETIVOS

O problema de pesquisa analisado foi o crescimento econômico da região de Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos (IPVV), a partir de 2002 até 2012 que pode ser expresso através da seguinte pergunta:

- a) Quais as variáveis econômicas que se destacaram na vitivinicultura na Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos, no período de estudo?

Na impossibilidade de pesquisar o conjunto de empresas e dos viticultores, este trabalho foi desenvolvido como um estudo de caso, através da análise das informações prestadas por duas vinícolas de pequeno porte (com produção anual de até 100.000 mil litros de vinho) e quatro de médio porte (com produção de 100.000 até 500.000 litros de vinho). A pesquisa foi realizada considerando o período de 2002 a 2012.

O objetivo geral foi analisar as variáveis que promovem o crescimento econômico, como elas se relacionam com a vitivinicultura, por um estudo de caso. As variáveis pesquisadas foram: a quantidade produzida de uvas e vinhos, tecnologia empregada na parte agrícola e na vinificação, o trabalho e a remuneração e sua qualificação os preços praticados na venda dos vinhos e o fluxo de turistas junto as vinícolas. A operacionalização da pesquisa considerou os seguintes objetivos específicos:

- a) Estudar o setor vitivinícola regional;
- b) Identificar quais as variáveis que demonstraram o crescimento econômico;
- c) Analisar as mudanças quantitativas e qualitativas das variáveis no período.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

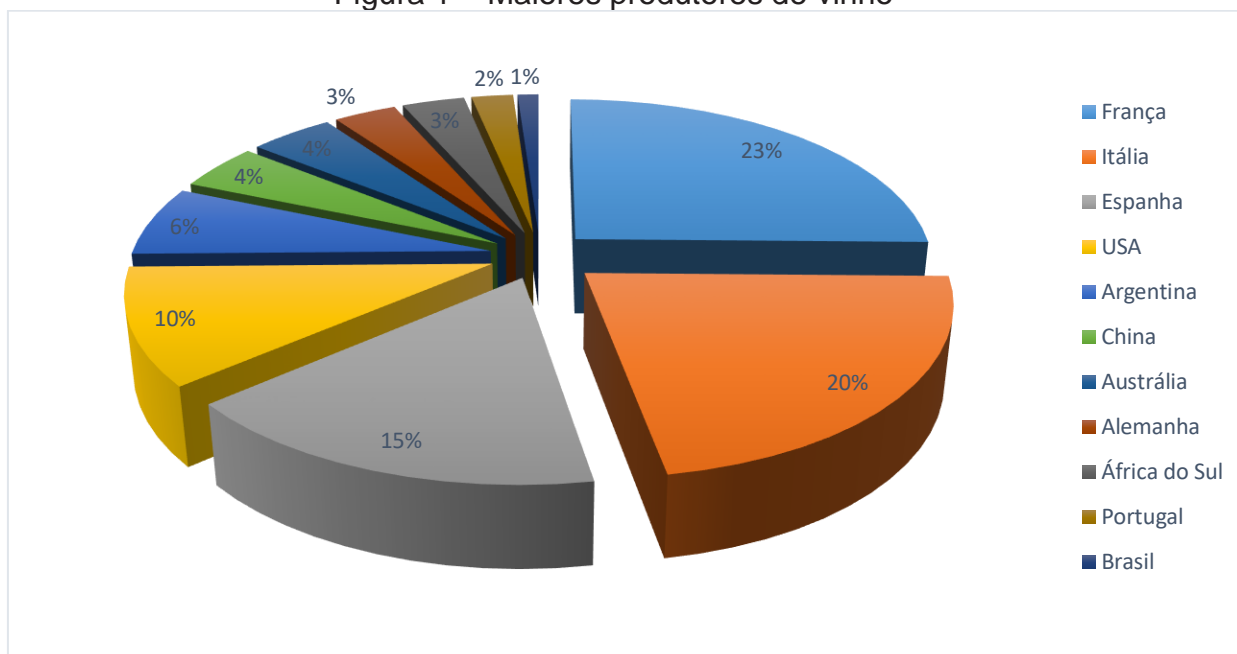
2.1 A VITIVINICULTURA MUNDIAL

A mais antiga obra literária reconhecida sobre o vinho são os escritos babilônicos de 4000 anos atrás. A Bíblia relata a cultura da videira através de Noé, que plantou uva e fez vinho, sendo que a primeira representação de vinificação remonta a 3000 a.C., no Egito. Gregos e Fenícios plantaram videiras e produziram vinhos entre 1500 e 500 a. C., na grande bacia do Mar Mediterrâneo. Os romanos difundiram a videira e o vinho por toda a Europa até a queda do império em 472 d. C. A civilização cristã transportava a cultura da Uva e do Vinho pelo mundo, pois era sinônimo de alegria e convivência, além de ter valor comercial (VOLTOLINI; SILVA, 2004).

A vitivinicultura é uma atividade econômica importante no mundo globalizado. Além da geração de empregos e renda, o setor agrega pessoas, seja no trabalho no lazer e na contemplação do território ambiental e cultural. Nas últimas décadas, países não tradicionais tem se destacado na produção de vinhos que, historicamente, só o velho mundo produzia quantidade e qualidade de vinhos (DE MELLO, 2009).

A área mundial cultivada de vinhas, incluindo superfícies que ainda não estão em produção ou vindimadas foi de 7.585.000 ha o que representa uma diminuição de 79.000 ha entre 2010 e 2011 (-1%); nos últimos 10 anos, a área de cultivo de vinhas diminuiu 262.000 ha (OIV, 2012).

Figura 1 – Maiores produtores de vinho



Fonte: OIV 2016

Os dez maiores produtores de vinho, representam 80% da produção mundial e são por ordem decrescente: França, Itália, Espanha, USA, Argentina, China, Austrália, Chile, África do Sul e Alemanha. Pode-se destacar neste período a Nova Zelândia com um aumento de 59%, o Chile 29%, a Austrália 14%, a China com 6% e a Argentina com 3% de aumento da produção de vinhos e, na Europa, apenas a França teve aumento da produção em 9%. As maiores reduções de produção de vinhos ocorreram nos países europeus, a Bulgária com 29%, Grécia com 26%, Hungria 24%, Federação Russa 13%, Romênia 11%, Itália 10%, Portugal 2%, Espanha 1%, nos USA a redução foi de 6%. Brasil e África do Sul tiveram uma redução de 1%. O Brasil ocupa a 15ª colocação na produção mundial. (OIV, 2012).

2.2 O SETOR VITIVINÍCOLA REGIONAL

A produção de uvas e vinhos ocorre em diversos Estados do Brasil, mas o Rio Grande do Sul e Santa Catarina são responsáveis por 80% da produção nacional de uva e de mais de 90% dos vinhos. O Rio Grande do Sul produz cerca de 68% da uva nacional e de mais de 90% de vinhos e derivados (MATUELLA; MELLO, 2009).

As videiras de origem americanas, principalmente as cultivares *Vitis labrusca*, foram a base para o desenvolvimento da vitivinicultura brasileira, destacando

cultivares como a "isabel" para elaborar vinho e "niágara branca" e "niágara rosa" como uvas de mesa. Outras cultivares como *herbemont* e *jacquez* tiveram importância na produção de uvas e vinhos nos primórdios da vitivinicultura brasileira. As castas *vitís vinífera*, apesar dos esforços para o seu cultivo, não tiveram expressão nos primórdios da vitivinicultura comercial, devido às perdas causadas por doenças fúngicas, especialmente pelo míldio e antracnose (IBRAVIN, 2013).

A vitivinicultura no Brasil ocupa uma área de aproximadamente de 77 mil hectares, com vinhedos estabelecidos desde o extremo sul do país até regiões próximas da linha do equador. Em função da diversidade ambiental, existem nove regiões distintas: As de clima temperado são as da Fronteira, Serra do Sudeste, Serra Gaúcha, campos de Cima da Serra e regiões Central e Norte do Estado do Rio Grande do Sul. No Estado de Santa Catarina, temos as regiões do Vale do Rio do Peixe, Planalto Serrano, Planalto Norte e Carbonífera; a região Sudeste do Estado de São Paulo e, a região Sul do Estado de Minas Gerais. A região de clima subtropical é encontrada no norte do Paraná e, as regiões tropicais se encontram no Noroeste de São Paulo, Norte de Minas Gerais e Vale do Sub-Médio do São Francisco Pernambuco e Bahia (IBRAVIN, 2013).

A Serra Gaúcha está localizada no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, cujas coordenadas geográficas e indicadores climáticos são: latitude 29°S, longitude 51°W, altitude de 600-800 m, precipitação de 1700mm, temperatura média 17,2°C e umidade relativa do ar de 76%. É a maior região vitícola do país com cerca de 42 mil hectares de vinhedos, mais de 500 empresas vinícolas e com cerca de 15 mil pequenas propriedades produtoras de uva, com predomínio da mão de obra familiar. A poda dos vinhedos ocorre nos meses de julho e agosto, a colheita se concentra de janeiro a março, com 80% das uvas de variedade americanas (*vitís labrusca*), como a Isabel, Bordô, Niágara Branca, Niágara Rosa, Concord, Jacquez e Seibel. Referente às castas *vitís vinífera*, destacam-se as cultivares brancas Moscato Branco, Riesling Itálico, Chardonay e Trebiano; entre as tintas destacam-se a Cabernet Sauvignon, Merlot, Cabernet Franc, Tannat, Ancellota e Pinotage (IBRAVIN, 2013).

O adensamento de plantio fica entre 1600 a 3300 mudas por hectare, com predomínio do sistema de condução latada ou pérgola horizontal, proporcionando uma produção de 8 a 30 toneladas por ha. As uvas americanas são utilizadas para produção de vinho de mesa e suco, as uvas de castas europeias produzem vinhos finos tintos e brancos e espumantes de alta qualidade, (IBRAVIN, 2013).

A Tabela 1 mostra as quantias de uvas processadas no RS de 2004 a 2011, pelas vinícolas instaladas no estado.

Tabela 1 – Uvas Processadas pelas Empresas do Rio Grande do Sul de 2004 a 2011 (Milhões de Kg)

Classif.	Tipo	Saf.2004	Saf.2005	Saf.2006	Saf.2007	Saf.2008	Saf.2009	Saf.2010	Saf.2011
Americanas e Híbridas	Branca	55,27	50,1	47,16	56,62	68,79	60,6	58,5	78,8
	Rosada	13,21	13,19	9,25	11,27	15,12	10,51	13,08	15,3
	Tintas	447,92	359,35	310,63	430,5	466,37	390,91	409,23	532,8
Total Comuns		516,4	422,64	367,04	498,38	550,29	462,02	480,82	626,9
Vitis Vinífera	Branca	27,11	28,76	22,05	28,06	34,4	32,37	22,04	37,7
	Rosada	0,26	0,37	0,3	0,23	0,26	0,21	0,08	0,2
	Tintas	35,22	41,48	34,24	43,86	49,09	39,53	23,95	44,7
Total Viníferas		62,59	70,61	56,6	72,15	83,75	72,1	46,07	82,7
Total Geral		578,99	493,25	423,64	570,54	634,04	534,13	526,89	709,62

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA-RS Cadastro Vinícola 2012.

A produção de uvas comuns nesse período cresceu 21,31%, a produção de uvas viníferas cresceu 32,12%, porém a quantidade representativa no total de produção no RS das uvas viníferas é de 15% em relação às uvas comuns.

A Tabela 2 mostra a produção de vinhos de 2004 a 2011 pelas empresas do setor instaladas no RS:

Tabela 2 – Elaboração de Vinhos e Derivados no Rio Grande do Sul - 2004 a 2011 (Milhões de litros)

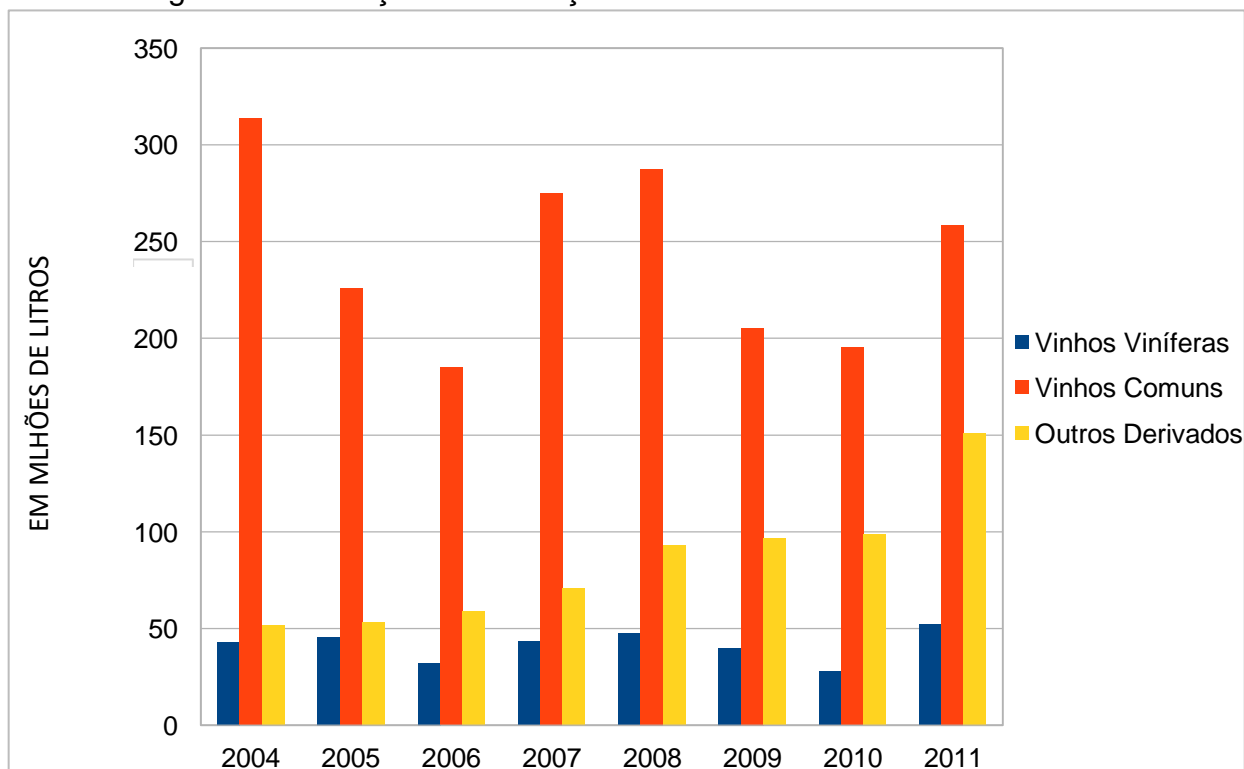
ANO	Vinhos Viníferas	Vinhos Comuns	Outros derivados	Total
2004	42,96	313,70	51,87	408,53
2005	45,45	226,08	53,50	325,04
2006	32,12	185,08	59,13	276,33
2007	43,18	275,25	70,89	389,32
2008	47,33	287,44	93,19	427,97
2009	39,90	205,42	96,50	341,82
2010	27,85	195,25	98,96	321,21
2011	52,20	258,73	151,15	461,07

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA-RS - Cadastro Vinícola 2012.

Como pode-se observar na tabela anterior, a produção de vinhos viníferas é pequena em relação ao total de vinhos, variando de 42 milhões de litros até 52 milhões. Já os vinhos comuns diminuía sua produção passando de 313 milhões em 2004 para 258 milhões de litros em 2011. Outros derivados, sucos na grande maioria cresceram bastante, passando de 51 milhões de litros para 151 milhões de litros.

A figura 2 mostra a evolução da produção de vinhos e derivados no RS de 2004 a 2011:

Figura 2 – Evolução da Produção de Vinhos no Rio Grande do Sul



Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA-RS - Cadastro Vinícola 2012.

Como se verifica na Figura 2, a maior quantia de produção é de vinhos comuns. A produção de vinhos finos tem pequena participação no total de produção. Outros derivados, entende-se sucos, que teve um incremento significativo no período. A Tabela 3 mostra a comercialização de sucos pelas empresas do Rio Grande do Sul no período:

Tabela 3 – Comercialização de Sucos pelas Empresas do RS de 2004 a 2011 (milhões de litros).

Ano	Mercado Interno	Exportação	Total
2004	8,74	0,05	8,79
2005	14,78	0,02	14,81
2006	15,69	0,01	15,70
2007	18,60	0,02	18,62
2008	21,80	0,01	21,81
2009	29,13	0,01	29,14
2010	35,15	0,01	35,16
2011	45,19	0	45,19

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA-RS Cadastro Vinícola – 2012.

A comercialização de sucos no período passou de 8,7 milhões de litros em 2004 para 45,19 milhões em 2011, significando um incremento de 417,04% no mercado interno. No mercado externo as vendas não foram significativas.

A Tabela 4 mostra a comercialização de vinhos finos pelas empresas gaúchas, no período de 2004 a 2011.

Tabela 4 – Comercialização de Vinhos Finos pelas Empresas do Rio Grande do Sul de 2004 a 2011 (milhões litros)

Ano	Branco	Rosados	Tintos	Total
2004	8,5	0,4	10,8	19,7
2005	8,5	0,5	13	21,9
2006	8	0,3	13,5	21,8
2007	6,6	0,4	13	20
2008	5,3	0,3	11,4	17
2009	4,8	0,2	13	18
2010	4,5	0,2	13,6	18,4
2011	4,7	0,2	14,7	19,5

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA - Cadastro Vinícola 2012.

A Tabela 4 mostra que neste período as empresas do RS não obtiveram crescimento de vendas com vinhos finos, ficando estáveis num volume de 19,5 milhões de litros.

A Tabela 5 mostra a comercialização de vinhos de mesa no período pelas empresas do RS, no período.

Tabela 5 – Comercialização de Vinhos de Mesa das Empresas do RS de 2004 a 2011 (milhões).

Ano	Branco	Rosados	Tintos	Total
2004	33,3	5,5	186	224,8
2005	39,6	3,6	227,6	270,8
2006	33	3,1	208,8	244,9
2007	28,9	2,2	194,6	225,8
2008	26,2	1,8	169,5	197,6
2009	29,4	2,3	190,4	222,1
2010	29,6	2	183,4	215,1
2011	32,1	1,7	196,3	230

Fonte: IBRAVIN/MAPA/SEAPA - Cadastro Vinícola 2012.

Observa-se que neste período a comercialização de vinhos de mesa brancos ficou estagnada, os vinhos rosados tiveram um decréscimo de 69% e os vinhos de mesa tintos tiveram um acréscimo de 2,3%.

A Tabela 6 mostra o volume de vinhos importados bem como o país de origem.

Tabela 6 – Importação de Vinhos Finos pelo País e Países de Origem de 2004 a 2011 (Milhões de litros)

ANO	CHILE	ARGENTINA	ITÁLIA	FRANÇA	PORTUGAL	OUTROS	TOTAL
2004	11,2	11,2	7,2	2,8	4,2	2,5	39,2
2005	11,7	12	7,1	2,6	5,2	2,4	40,9
2006	15,2	13,7	9,4	3,7	6	3	50,9
2007	18,9	16,2	10,4	3,8	6,8	4,7	60,9
2008	18,7	15,4	10,8	3,5	6,3	3,2	57,9
2009	22,5	14,8	9,1	3,5	5,9	3,3	59,1
2010	26,5	18,1	13	4,3	8,1	5,4	75,3
2011	26,7	17,7	13,2	5,1	8,6	6,3	77,6

Fonte: MDIC – Sistema ALICEWEB 2012.

A Tabela 6 mostra que a país importou 77,6 milhões de litros de vinhos finos em 2011, sendo o Chile a Argentina e a Itália os maiores fornecedores, representando 57,6% do total dos vinhos importados. Depois aparece a França, Portugal e outros países com quantias menores.

A região da Serra Gaúcha vem crescendo como produtora de vinhos de alta qualidade, usando alta tecnologia enológica e manejo dos vinhedos. Uma evidência da evolução organizacional da viticultura da região foi a criação da Indicação de

Procedência Vale dos Vinhedos em 2002. Outras IPs surgiram posteriormente, Pinto Bandeira conseguiu a IP chamada de Asprovin, em 2013 Flores da Cunha teve a sua Indicação de Procedência autorizada com nome de IP Altos Montes, Farroupilha conseguiu a IP Afavin, em Monte Belo do Sul surgiu a IP Aprobelo. Fora da Serra Gaúcha, em Urussanga, Santa Catarina surgiu a IP Vale da Uva Goethe (IBRAVIN, 2015).

Existe um projeto estratégico chamado Projeto Visão 2025, que é um Plano de Desenvolvimento Estratégico para o setor vitivinícola do Rio Grande do Sul, que iniciou em 2004, com a participação de várias instituições, tendo atuação importante o CEPAN da UFRGS, que coordenou os trabalhos. O IBRAVIN e o SEBRAE

participaram do projeto, que tem diretrizes para serem desenvolvidas no longo prazo, sendo elas: Sistêmica, Estrutural, Empresarial e Social. De acordo com um dos participantes,¹ o setor vitivinícola gaúcho pretende chegar em 2025 com as seguintes realizações:

- a) O vinho será uma bebida corrente nas refeições, como fonte de prazer, saúde e qualidade de vida;
- b) A cultura do vinho estará estabelecida no país e o consumo será crescente;
- c) O Rio Grande do Sul terá participação dominante no mercado;
- d) Haverá presença sólida e sustentável no mercado externo, com exportações acima de 20% da produção;
- e) O Brasil será reconhecido como um país produtor de vinhos diferenciados, consistentes e únicos.

A produção brasileira de uvas fica em torno de 1,2 milhão de toneladas por ano, sendo 45% processadas para elaborar sucos e vinhos e 55% para consumo como uvas de mesa. Do total industrializado, 77% são vinhos de mesa e 9% são sucos de uva, ambos elaborados a partir de uva americanas e 13% de vinhos finos, elaborados a partir de uvas *Vitis vinífera*. O restante de 1% corresponde a outros produtos elaborados a partir da uva. A maior parte da produção de vinhos e derivados atende o mercado interno, sendo o suco de uva o mais exportado com 15%. As uvas de mesa atendem com 5% o mercado externo e os vinhos com apenas 1%. Atualmente, um grande destaque na produção brasileira é de uvas para vinhos espumantes, com destaques sucessivos no mercado internacional. O Brasil exporta vinho para 22 países, dentre os principais destaca-se os Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e República Tcheca (IBRAVIN, 2013).

2.3 A AGRICULTURA FAMILIAR E A AGROINDÚSTRIA

Entende-se por agricultura familiar o cultivo realizado por pequenos proprietários rurais, tendo como mão de obra e gestão o núcleo familiar, diferenciando-

¹ Informação obtida da palestra do Prof. Dr. Jaime Fensterseifer, do CEPAN e da Escola de Administração (EA), da UFRGS, no Seminário Visão 2025, em Bento Gonçalves, em setembro de 2005.

se da agricultura patronal que utiliza trabalhadores contratados, fixos ou temporários, em propriedades médias e grandes, sendo dois modelos bem diferentes.

Segundo o economista Ricardo Abramovay (2007), esta diferença entre dois modelos de agricultura é de natureza social, pois uma se apoia na unidade entre gestão e trabalho familiar e o outro modelo separa gestão de trabalho. Abramovay ressalta que os países que mais prosperaram na agricultura foram aqueles nos quais a atividade teve base familiar e não o modelo patronal, enquanto nos países que separaram gestão e trabalho na agricultura tiveram uma grande desigualdade social. A importância da agricultura familiar no Brasil é representada pela produção de cerca de 60% dos alimentos consumidos pela população, como 87% da mandioca, 70% da produção de feijão, 46% de milho, 60% da produção pecuária entre aves, suínos e gado. Segundo o censo agropecuário de 2006, 84% das propriedades rurais do país pertencem a grupos familiares com, aproximadamente, 4,4 milhões de unidades produtivas, representando 38% do Valor Bruto da Produção Agropecuária, empregando 13,8 milhões de pessoas, correspondendo a 77% da população empregada na agricultura (SOUZA, 2011), e diminuindo as saídas do campo para as cidades (DAMASCENO; KAHN; LIMA, 2011).

O Quadro 1 faz um paralelo entre agricultura patronal e agricultura familiar.

Quadro 1 – Características da Agricultura Patronal e Familiar

AGRICULTURA PATRONAL	AGRICULTURA FAMILIAR
Separação entre trabalho e gestão	Gestão e trabalho interligados
Organização centralizada	Processo produtivo dirigido pelo produtor
Ênfase nas práticas agrícolas padronáveis	Ênfase na durabilidade dos recursos naturais e na qualidade de vida
Predomínio de trabalho assalariado	Trabalho assalariado é apenas complementar
Tecnologias direcionadas apenas à eliminação de decisões	Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo
Tecnologias buscam diminuir o uso de mão-de-obra	Decisões condicionadas pelas especificidades do processo produtivo
Ênfase no uso de insumos comprados	Ênfase no uso de insumos externos
Ênfase na especialização	Ênfase na diversificação

Fonte: FAO/INCRA (1994 *apud* AZEVEDO; PESSÔA, 2011).

Observa-se que as diferenças entre os dois modelos são marcantes, principalmente na agricultura familiar a mão de obra é exercida por componentes da família e na agricultura empresarial o trabalho é assalariado.

A produção da agricultura familiar é a principal atividade econômica de muitas regiões do país. Esta atividade traz muitas oportunidades de emprego e distribuição de renda, por isso é necessário garantir acesso a crédito e a tecnologia para produzir com sustentabilidade em seus estabelecimentos, bem como garantir a comercialização de sua produção (WILKINSON, 2008).

A agroindústria é um conjunto de atividades relacionadas à transformação de matérias-primas provenientes da agricultura, pecuária, silvicultura e outros. O grau de transformação varia em função dos objetivos das empresas agroindustriais. Para cada uma dessas matérias-primas, a agroindústria é um segmento da cadeia que vai desde o fornecimento de insumos agrícolas até o consumidor. Comparando com outros segmentos industriais, a agroindústria apresenta uma certa originalidade, decorrente de três características fundamentais da matéria-prima: sazonalidade, perecibilidade e heterogeneidade. No Brasil a agroindústria está em alta, com a aplicação de métodos e princípios sustentáveis (NEUMANN, 2003).

As agroindústrias do vinho trazem uma carga cultural significativa, herdada dos colonizadores, principalmente dos italianos. A produção de vinhos faz parte da tradição de muitas famílias, sendo geradora de renda nas propriedades, especialmente na Serra Gaúcha (WILKINSON, 2008).

2.4 CRESCIMENTO ECONÔMICO

O crescimento e o desenvolvimento econômico são tratados pelos economistas desde Adam Smith até os pós-keynesianos. Para alguns deles o tema era tratado como pensamento social, como é o caso de Marx e Schumpeter (MOTA², 1963). Adam Smith em “A Riqueza das Nações” retratou as forças que *faziam* emergir da Europa um novo homem e uma nova sociedade: o *homo economicus* e a *sociedade capitalista*, vinculando o crescimento econômico à mudança cultural, no qual se salienta a necessidade de superar situações antigas, criando iniciativa individual para o crescimento econômico.

² Compreende-se assim, que o pensamento de Adam Smith seja comumente associado à política econômica do *laissez-faire*. Mesmo que essa política não apareça explicitamente formulada em nenhuma passagem de sua obra, é ela decorrência lógica, para o conjunto das ideias expostas em A Riqueza das nações, de haver Smith alongado até a Economia, como moralista que era, a doutrina de que existe uma "lei natural" capaz de ordenar racionalmente as atividades humanas (p. 18).

Segundo De Souza (1999), as origens teóricas do crescimento econômico estão relacionadas ao pacto colonial mercantilista que resultou no subdesenvolvimento das antigas colônias e demasiada importância para o afluxo de metais preciosos como fator de riqueza nacional, repudiando as importações de manufaturados.

Para Adam Smith, o crescimento econômico é decorrente do aumento da proporção dos trabalhadores produtivos em relação aos improdutivo, da redução do desemprego e elevação da renda média do conjunto da população. No longo prazo, ocorre uma redistribuição de renda entre os capitalistas, trabalhadores e outros. As flutuações econômicas do século XIX, demonstraram a concentração de renda em países industrializados, tornando evidente a disparidade entre países ricos e pobres, e mesmo internamente, fazendo-se pensar o crescimento com distribuição de riqueza (DE SOUZA, 1997).

Em 1911, Joseph Shumpeter, na obra Teoria do Desenvolvimento Econômico, diferencia desenvolvimento de crescimento econômico. Para o autor, o crescimento ocorre num sistema circular de equilíbrio, cujas variáveis da economia aumentam em função do aumento da demografia, enquanto o desenvolvimento ocorre na presença de inovações tecnológicas, por obra de empresários inovadores, financiados pelo crédito bancário. O processo produtivo deixa de ser rotineiro e passa a ser lucrativo. O manual de Oslo (2007), reconhece e orienta inovações e crescimento nas organizações, sugere diretrizes, foca em novas tecnologias, novos produtos e sobretudo em inovações organizacionais. Esta obra define quatro tipos de inovações e que sugere crescimento nas organizações:

- a) Inovação de produtos: definida através de mudanças em produtos e serviços, de forma a ser percebida pelos consumidores.
- b) Inovação em processos: são mudanças nos métodos e processos de produção e distribuição de produtos e serviços, com aumento de produtividade e redução de custos.
- c) Inovação organizacional: implantação de novos métodos de gestão nas organizações, ou seja, mudança na prática de negócios, nas relações externas e no local de trabalho.
- d) Inovação de marketing: mudança no design do produto, na embalagem, na forma de divulgação e na forma de definir os preços.

- e) Para Shumpeter (1934), a inovação pode ser classificada de acordo com o grau de mudanças implementadas, pois existem diferentes tipos de inovação e mudanças, desde pequenas até radicais transformações nos produtos e serviços. Desta forma Shumpeter as define assim:
- f) Inovação incremental: melhora um produto já existente, sem fazer mudanças expressivas ou grandes investimentos.
- g) Inovação intermediária: envolve fundamental mudança no modelo de negócios ou na tecnologia da organização, buscando resultados incompatíveis na mudança incremental.
- h) Inovação radical: mudança total nos produtos e serviços, seja na forma de produzir e com novos produtos.

A grande depressão dos anos 1930, derivada da quebra da Bolsa de Nova Iorque, evidenciou o drama do desemprego e o drama social, o que exigiu a intervenção do Estado na economia, realizando investimentos diretos e manipulando políticas anticíclicas, com a finalidade de reduzir o desemprego e amenizar flutuações econômicas. No final dos anos 30, com a Teoria Keynesiana,³ que mede e classifica os países ricos e pobres com a Contabilidade Nacional, passou-se a caracterizar os pobres de subdesenvolvidos por apresentarem crescimento econômico instável, alto grau de analfabetismo, taxas elevadas de mortalidade infantil, agricultura como predominância de atividade econômica, insuficiência de capital, baixa produtividade, instabilidade política, etc. (DE SOUZA, 1997).

Políticas fiscais e monetárias são imprescindíveis para amenizar as crises. Publicações da ONU e do Banco Mundial sobre o tema despertaram nos países subdesenvolvidos uma necessidade de reivindicar ajuda econômica dos países ricos (MYRDAL, 1998) e combater a pobreza das nações passou a ser uma questão humanitária.

Verificou-se que a macroeconomia Keynesiana foi ineficiente para explicar o crescimento econômico ao longo prazo. Os economistas buscaram então, na História Econômica, elementos para explicar este fenômeno e constataram que o

³ Teoria Keynesiana. Fundamentada que o Estado é agente fundamental da economia, com o objetivo de conduzir ao sistema de pleno emprego, tais teorias tiveram influência na renovação das teorias clássicas e de livre mercado.

subdesenvolvimento é decorrente do desenvolvimento e da expansão do capitalismo na forma de oligopólios⁴ (FURTADO, 1961).

O crescimento econômico, decorre do incremento da taxa de poupança interna, o afluxo de capitais externos a expansão das exportações, fatores esses aceitos mais tarde pela maioria das correntes de pensamento econômico (DE SOUZA, 1999).

Alguns afirmam que o crescimento econômico é acumulação de capital, distribuindo diretamente a renda entre os proprietários dos fatores de produção, engendrando automaticamente a melhoria dos padrões de vida e o desenvolvimento econômico. Entretanto os frutos dessa expansão nem sempre beneficiam toda a economia e o conjunto da população. Mesmo com a economia crescendo a taxas elevadas, o desemprego pode não estar diminuindo na rapidez necessária, tendo em vista a robotização e a informatização do processo produtivo, e podendo estar ocorrendo outros efeitos perversos, citados a seguir:

- a) Transferência de excedentes de renda para outros países, reduzindo a capacidade de comprar e de realizar investimentos;
- b) Apropriação de parcelas crescentes desse excedente por poucas pessoas no próprio país, aumentando a concentração de renda e riqueza;
- c) Salários básicos extremamente baixos limitam o crescimento dos setores que produzem alimentos de consumo mais popular;
- d) Empresas tradicionais não conseguem desenvolver-se pelo pouco dinamismo do setor no mercado interno;
- e) Dificuldades para implantação de atividades interligadas às empresas que mais crescem, exportadoras ou de mercado interno (DE SOUZA, 1999)

Uma linha mais teórica considera crescimento como sinônimo de desenvolvimento. Porém, a corrente voltada mais empírica, entende que o crescimento é condição indispensável para o desenvolvimento, mas não suficiente. Para os economistas que associam crescimento com desenvolvimento, um país é subdesenvolvido porque cresce menos do que os desenvolvidos, embora possua

⁴ John Maynard Keynes - Teoria geral do emprego do juro e da moeda Oligopólio - Corresponde a uma estrutura de mercado de concorrência imperfeita, no qual o mercado é controlado por um número reduzido de empresas, com concentração de renda e de recursos.

recursos ociosos como terra e mão de obra que não utilizam integralmente, portanto, sua economia expande-se menos que suas possibilidades.

Esta corrente de pensamento destaca que desenvolvimento envolve mudanças qualitativas no modo de vida das pessoas, das instituições e das estruturas produtivas. Neste sentido, desenvolvimento caracteriza-se pela transformação de uma economia arcaica em uma economia moderna, eficiente, juntamente com a melhoria de vida do conjunto da população (DE SOUZA, 1999).

Segundo a ideologia desenvolvimentista, a transformação da economia brasileira seria impossível sem industrialização, planejamento econômico e ampla participação do Estado no processo produtivo (BIELCHOWSKY, 1998). Segundo a Cepal⁵ o subdesenvolvimento dos países periféricos, sobretudo na América Latina, deriva de fatores internos e externos, decorrentes da dependência dos países periféricos aos países centrais, na maior parte dos casos, do dinamismo de apenas um produto de exportação e do mercado norte-americano.

Segundo Prebish (1949), o crescimento dos países periféricos mostra-se dependente:

- a) Do crescimento de renda externa e das cotações dos produtos agrícolas em mercados manipulados (dependência comercial);
- b) Das importações de máquinas e de outros produtos industriais essenciais, cujos preços eram fixados por oligopólios e que tinham tendência a se elevar (dependência tecnológica);
- c) Do volume das importações dos Estados Unidos e, portanto, de sua política econômico-financeira (dependência financeira).

Uma sociedade cresce economicamente se ocorrer mudanças nas seguintes variáveis:

- a) Acumulação de capital: através do aumento de máquinas, indústrias etc.; da realização de obras em infra-estrutura: estradas, energia, investimento em recursos humanos, melhoramento da mão de obra etc.;
- b) Crescimento populacional: um aumento da população implica um aumento da força de trabalho e da demanda interna e aumentando a produção de bens e serviços;

⁵ Cepal: Comissão econômica para a América Latina e Caribe. Ela postula que a industrialização é o principal caminho para a superação do subdesenvolvimento dos países da América Latina.

- c) Progresso tecnológico: ocorre um aumento da tecnologia empregada nos processos produtivos, com o uso de mais máquinas e equipamentos e com melhoria tecnológica (MANUAL DE ECONOMIA,1998).

O crescimento econômico é fundamental para o aumento do nível de vida e do emprego, promovendo mudanças estruturais nas organizações e instituições, trazendo maior produção com aumento de riqueza de um país. Segundo Troster (2002) as causas que explicam o crescimento da produtividade são diversas destacando-se as seguintes:

- a) O aumento da quantidade e da qualidade do equipamento usado na produção, que é uma forma direta de conseguir aumentar a produção por trabalhador empregado;
- b) A maior eficiência da organização econômica;
- c) O aproveitamento de economias de escala: a utilização de instalações maiores permite a introdução de processos técnicos mais eficientes;
- d) A melhora na educação e na especialização do fator trabalho que pode, dessa forma, ser empregado em processos técnicos mais complexos;
- e) O processo tecnológico, que é um aspecto do aumento da produção, é incrementado através de novos investimentos;
- f) A mobilidade geográfica dos fatores produtivos, com mudanças de estruturas e mobilidade geográfica e ocupacional.

O crescimento econômico pode ser a chave para alcançar um nível de vida mais elevado, com possibilidade de realização de políticas redistributivas. É um processo sustentado em longo prazo, no qual níveis de atividade econômica aumentam, condicionados a uma série de fatores, entre as quais taxas de investimento, o progresso tecnológico, economia de escala, qualidade da mão de obra etc. (MOCHON, 2002).

Segundo Mendes (2009), desde o início da década de 1990, pode-se identificar cinco processos em andamento na economia brasileira demonstrando mudanças. O primeiro processo é a globalização, que forçou a indústria nacional a introduzir novas tecnologias, aumentando a produtividade e reduzindo custos. O segundo foi a abertura da economia que ajudou na estabilidade dos preços com uma maior facilidade de aquisição de máquinas e equipamentos para a indústria nacional, tornando-a mais eficiente e competitiva.

O terceiro processo é a estabilidade de preços (a partir da implementação do plano Real) forçando a introdução de práticas de qualidade e produtividade nas empresas para obterem ganhos econômicos, com sustentabilidade no crescimento econômico.

O quarto processo foi o das privatizações acelerando e modernizando serviços como comunicações, siderurgia, petroquímico, fertilizantes, energia elétrica tornando a estrutura do capitalismo brasileiro mais de mercado e menos protegida pelo governo, e o sistema produtivo mais eficiente.

O último processo foi a conscientização do consumidor brasileiro, que se sente no direito de reclamar e exigir produtos cada vez com mais qualidade, pois existem no mercado produtos importados com preços baixos e de qualidade (MENDES, 2009). No início dos anos 1980, Paul Romer e Robert Lucas, reescreveram a macroeconomia do crescimento econômico destacando a economia das ideias e do capital humano. Nesses modelos, o crescimento econômico acontece juntamente com a melhoria tecnológica e de capital humano. O termo tecnologia pode significar como os insumos são transformados em produto no processo produtivo. Ideias melhoram a tecnologia de produção, permitindo que um dado pacote de insumos gere um produto maior e melhor (JONES, 2000).

A emergência da economia do conhecimento pode ser percebida desde a década de 1960 com um rápido período de mudanças tecnológicas, econômicas, sociais da história. Os avanços tecnológicos nos computadores, comunicações, materiais e biotecnologia em velocidade cada vez mais crescente, exigem trabalhadores cada vez mais qualificados e atentos ao aperfeiçoamento. Nesta nova economia, informação e conhecimento substituem capital físico e financeiro; inteligência criadora constitui-se na riqueza da nova sociedade (CRAWFORD, 1994).

A economia do conhecimento é diferente da economia da informação. Informação pode ser encontrada numa variedade de objetos inanimados, enquanto o conhecimento só é encontrado nos seres humanos, que usam a informação como matéria-prima do conhecimento que pode ser entendida como expertise, ou capacidade de aplicar o trabalho para um resultado específico. Somente os seres humanos são capazes de aplicar a informação através de seu cérebro e suas habilidades e aplicá-las produtivamente (CRAWFORD, 1994).

Segundo Crawford, as características do conhecimento são as seguintes:

a) Automação do trabalho - atividades intensas de manufatura e nos serviços,

- b) Um crescimento generalizado na indústria de serviços, particularmente na saúde, educação, produção de *software* e entretenimento;
- c) Redução do tamanho das grandes empresas tanto de manufatura quanto de serviços, devido ao maior estímulo ao empreendedorismo;
- d) Participação da força de trabalho das mulheres;
- e) Transformações demográficas substanciais causadas pela queda na taxa de nascimentos e uma população mais velha;
- f) Substituição do centro geográfico da economia, antes centrada em matéria prima e bens de capital para se concentrar em informação, pesquisa e educação (CRAWFORD, 1994).

Atualmente, com o aumento da concorrência, as organizações bem-sucedidas devem compreender o paradigma pós-industrial, com trabalhadores operando em qualidade total, tecnologias da informação, produção enxuta, engenharia simultânea, internet e automação. Segundo De Oliveira (2006), a gestão estratégica das organizações deve visualizar os fornecedores, os clientes, a competição, o ambiente como um todo, enxergando as transformações mais amplas e consistentes que ocorrem no sistema, como:

- a) As mudanças rápidas nas exigências dos consumidores em relação aos produtos e serviços;
- b) A demanda crescente dos consumidores por produtos de qualidade,
- c) A alteração do poder de compra da população;
- d) A alterações tecnológicas crescentes;
- e) A escassez de determinadas habilidades produtivas.

De forma exponencialmente crescente, para continuar crescendo, o desafio dos gestores é a melhoria da produtividade da mão de obra, para melhor atender seus clientes, que são voláteis em função da alta pressão da concorrência em seu mercado de atuação. A produtividade em manufatura, mineração, agricultura, transporte tem aumentado a uma taxa anual de 3% a 4%, resultando numa melhoria de 45 vezes nos últimos 120 anos (DRUCKER, 1992).

Estudos recentes colocam ênfase ao capital físico, mas o capital humano é importante, pois inclui habilidades e talento na produção. O capital humano é adquirido por meio de treinamento formal e informal, e também pela experiência. Os países em desenvolvimento não conseguem alocar capital físico e humano como fatores de produção, pelo baixo nível de renda. Portanto o crescimento está limitado

ao tempo que os fatores de produção levam para serem acumulados, a educação é um fator mais lento, mas também um dos mais poderosos (VASCONCELLOS, 2008).

O futuro não aceitará produtos e serviços com qualidade inferior, na verdade, essa ênfase deverá crescer cada vez mais, e esta produção estará ligada a mão de obra cada vez mais qualificada. O grau de exigência dos clientes tem crescido vertiginosamente, por isso a importância da cultura de gestão em torna da qualidade. A qualidade no âmbito das organizações se alinha com a qualidade da mão de obra, envolvendo motivação pessoal, e medindo performance (GALBRAITH, 1995).

Com relação a qualidade dos produtos e seus preços, os economistas, concluíram que as pessoas pagam mais por política de segurança, garantindo qualidade, evitando incertezas e imperfeições nos produtos. Isso mostra que a indução é de preços mais altos com maior qualidade e não maior qualidade com maiores preços. Quanto aos trabalhadores espera-se que sejam mais atenciosos para que possam continuar a receber prêmios sobre seus ganhos, em vez de procurar outros empregos (BYRNS, 1996).

Os salários são determinados em um mercado, mediante a ação conjunta de oferta e demanda, sendo o conjunto de renda que recebem os trabalhadores, em espécie, pela prestação de serviços para terceiros. As empresas só demandam trabalho quando lhes for rentável. Uma empresa contratará trabalhadores sempre que estes adicionarem mais a suas receitas do que seus custos. Isso quer dizer que a empresa faz a comparação do valor que ele produz em determinado tempo, pelo valor de seu custo para contratá-lo.

A demanda por trabalho é relativa ao número de trabalhadores dispostos a ser contratados pelas empresas a cada nível de preços. Se os salários aumentam, a demanda de trabalhadores reduzirá, já que será mais caro contratar mão de obra. A demanda também depende da produtividade do trabalho, de forma que o salário mais elevado pode compensar com mais produtividade.

A remuneração do trabalho, é relativa ao número de pessoas que estão dispostas a oferecer seu tempo em tarefas produtivas, segundo o nível de salários. A oferta de trabalho aumenta se o nível de salários é maior, e a disposição de trabalhar aumenta conforme os salários crescem. A oferta de trabalho é representada por uma série de fatores demográficos e estruturais, como:

- a) Pelo tamanho da população total;
- b) A proporção da população que está em idade de trabalhar;

- c) Taxa de atividade: é a porcentagem das pessoas que, tendo idade, condições, estão buscando emprego;
- d) Mercado de trabalho: ação conjunta de demanda e oferta de trabalho determinam o nível de emprego, o nível de salários pagos e se tem falta ou excesso de trabalho;
- e) Mobilidade ocupacional e diferenças salariais: se o trabalho se caracteriza por fortes mobilidades entre as ocupações, as diferenças salariais tendem a desaparecer. Se um trabalho requer muita especialização e qualificação, a curto prazo este emprego terá pequeno aumento de oferta, mesmo que com aumento salarial. Pelo contrário, o emprego de pouca qualificação ou formação especial, um ligeiro aumento salarial produzirá um forte aumento na oferta de trabalho.

Existem outros tipos de diferenças salariais, algumas se devem a natureza do trabalho, outras pelo tipo de atividade, se o serviço é perigoso, desagradável ou que prejudique a saúde, poucos trabalhadores serão atraídos para estas atividades, mesmo com salários mais elevados. Em outras ocasiões, as diferenças salariais se devem a produtos de forte demanda e, pela cobrança aos trabalhadores, os salários aumentam (MOCHON; TROSTER, 2002).

A alocação mais eficiente de recursos permite movimentos dentro de uma fronteira de possibilidades de produção. O crescimento econômico tem como pressuposto a expansão da produção, com avanços tecnológicos e a aquisição de mais recursos com aumento da produção. Em adição aos avanços tecnológicos como fontes de crescimento, a força de trabalho cresce junto, por meio do número de trabalhadores e o melhoramento de sua produtividade, resultando no longo prazo em rendimentos crescentes da produção (BYRNS, 1996).

A tecnologia de acordo com Galbraith e Lawler III (1995) é um motor propulsor da competição global. Os Investimentos em pesquisa e desenvolvimento, tradicionais em países desenvolvidos, tornam-se fundamentais. Os produtos e equipamentos tem atualmente encurtado o ciclo de vida, juntamente com o tempo de substituição dos mesmos, diminuindo o número de anos de seu uso. Diante disto, as organizações necessitarão de um volume muito grande de recursos para sobreviver. As novas tecnologias da informação têm induzido a novas formas de administrar, com novo tipo de gestor. Esse profissional tenderá a trabalhar num ambiente informacional, que possibilitará que muitas pessoas se comuniquem por meio de redes informatizadas.

Os sistemas atuais de informação são viáveis economicamente, possibilitando a integração de pessoas e imagens, com estruturas de dados, orientando equipes, estruturando as organizações. Na verdade, quanto mais tempo a organização esperar para entrar nesta tecnologia, mais dispendiosos serão os investimentos, resultando em menor eficiência organizacional.

Nas últimas décadas ocorreram quatro mudanças tecnológicas fundamentais, algumas ainda em curso, outras já passaram de etapa.

A primeira mudança foi a passagem do computador pessoal para o computador em grupo. O PC isolado não atua entre as pessoas da mesma forma que um grupo trabalhando em rede. Este modelo em rede dá suporte às equipes de trabalho nas funções empresariais. Quando bem concebidos e implementados, os sistemas para grupo de trabalhos podem se tornar o ponto central para a reconfiguração dos processos e funções dentro das organizações.

A segunda mudança foi a passagem de sistemas ilhados para sistemas integrados. Tradicionalmente, a tecnologia da informação era utilizada para o controle de recursos, humanos, físicos e financeiros. Com a evolução dos padrões tecnológicos, tornou-se possível realizar e estruturar todo o funcionamento da organização, sem acréscimo isolado na medida das necessidades surgissem.

A terceira mudança é chamada de Inter organizacional, ligando a organização a seus fornecedores e clientes. A cadeia de valor está sendo afinada com uma rede de valor eletrônico, que serve para integrar grupos de afinidades.

A quarta mudança da tecnologia da informação é chamada de economia digital, em que o capital humano é mais importante que o capital tradicional. Nessa era a economia se baseia mais no cérebro do que em recursos físicos e materiais, as inovações serão efêmeras e transitórias. Essa economia se apoiará em redes eletrônicas, expandindo as fronteiras das organizações com a supressão de intermediadores entre a organização fornecedores e clientes. Assim o ativo intelectual é mais importante que os ativos tradicionais utilizados em outras épocas (GALBRAITH; LAWLER, 1995).

A inovação tecnológica é um fator importante na oferta de bens e serviços, em longo prazo. A melhora tecnológica é um conjunto de condições que capacitam as empresas a gerar mais produção com a mesma quantidade de insumos, ou obter o mesmo nível de produção anterior com uma menor quantidade de insumos.

Isso significa um deslocamento para cima da função de produção, portanto das curvas de produto físico marginal (PFMg) e de produto físico médio (PFMe) e um deslocamento para baixo do custo variável médio (CVMe) e também do custo total médio (CTMe).

As primeiras empresas a adotarem a nova tecnologia conseguem reduzir custos e obter lucros, induzindo outras empresas a adotarem a nova tecnologia. À medida que o tempo passa todas as firmas do setor terão aumento de produção e diminuição de custos, portanto elas deverão se diferenciar por outras variáveis para se manterem no mercado. Entretanto essa tecnologia será considerada viável economicamente se provocar um aumento da produção proporcionalmente maior que a elevação do custo total, a tal ponto que resulte em redução dos custos unitários (MENDES, 2009).

No crescimento econômico, que utiliza mão de obra e elementos tecnológicos, o estudo da formação de preços é importante para a compreensão dos processos da atividade econômica, desde a produção até a mensuração dos lucros.

A formação do preço de venda podia ser explicada pela equação $CP+L=P$, onde CP é custo de produção; L é lucro desejado e P é o preço final. Porém nos dias atuais, com a eficiência dos meios de comunicação e oferta crescente de bens e serviços, o consumidor está bem informado, por isso ele é disputado pelo mercado. Então, essa equação muda, passando a ser representada pela equação: $P-CP=L$.

Isso ocorre porque o preço já é conhecido e determinado pelo mercado e não mais pelos ofertantes. Resta então para os produtores trabalhar a variável que tem controle, ou seja, os custos de produção (ARAÚJO, 2009).

Em uma economia de livre iniciativa, nenhum agente se preocupa em gerenciar o bom funcionamento dos preços. Preocupam-se em resolver seus próprios negócios, procuram sobreviver na concorrência do mercado, tanto na compra ou na venda de seus produtos e insumos. Esses preços são sinalizados pelos preços de diversos mercados, todos correm riscos, porém riscos previstos. Na verdade, o que ocorre é uma ação conjunta permitindo que milhares de mercadorias sejam produzidas para atender o mercado global. O desejo dos indivíduos determinará a magnitude da demanda, o equilíbrio entre a oferta e demanda sempre ocorrerá pela flutuação dos preços (MANUAL DE ECONOMIA, 1998).

Segundo Mendes (2007), papel do preço tem uma relação com as quantidades compradas pelos consumidores, especialmente na agricultura que

funciona como um ambiente de mercado muito competitivo, possuindo as seguintes características:

- a) Grande número de compradores e vendedores, nenhum deles, pode influenciar no preço;
- b) Homogeneidade de produtos, ou muito parecidos;
- c) Não possui restrições artificiais, seja na produção ou comercialização impostas pelo governo;
- d) Mobilidade dos produtos e dos recursos, de tal maneira que são transferidos pelo mercado, para uso econômico.

Como os produtores não podem interferir nos preços individualmente, a única maneira de aumentarem seus lucros é pela redução de custos e pela aplicação de melhor tecnologia na agricultura, ou pela diferenciação em alguns produtos específicos de consumo final (MENDES, 2007).

Entre os segmentos que podem promover crescimento econômico está o turismo. A atividade vem apresentando crescimento e se destacando como uma atividade das mais promissoras, para os novos tempos. Segundo a Organização Mundial do Turismo (2001, p.38), "O turismo compreende a atividade que realizam pessoas durante sua viagem e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidades de lazer negócios e outras."

No Brasil, este se apresenta em evidência, como grande alternativa para o crescimento econômico de algumas localidades (DA ROCHA, 2006). As questões que mais preocupam os estudiosos do turismo estão nos problemas da preservação (cultural e de recursos naturais) e de planejamento. O turismo em países em desenvolvimento, como o Brasil em particular, tem múltiplas especificidades que requerem posturas adequadas (YÁZIGI, CARLOS, DA CRUZ, 1995). Beni (1998, p. 43), conceitua o sistema de turismo como um conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias e princípios coesos que tem a intenção de descrever o funcionamento como um todo (FÁVERO, 2006).

Outra forma de crescimento econômico é a diversificação, pois leva a geração de inovações e conhecimento incidindo na variedade da produção. A diversificação cria novas oportunidades de negócios externalizando produtos, diminuindo a dependência de um só produto e criando oportunidades ao setor (CARVALHO, 2007). Aplicando para o setor vitivinícola, para Falcade, "o enoturismo pode ser definido

como um deslocamento de pessoas, cuja motivação esteja com o mundo da uva e do vinho, independente da sua localização, em área urbana ou rural". O enoturismo na região vinícola da Serra Gaúcha existe a mais de 100 anos, acompanhando a evolução da própria vitivinicultura. A identidade cultural, a diversificação dos produtos oferecidos e a melhoria da qualidade dos mesmos são atrativos significativos. Ao mesmo tempo, este tipo de turismo contribui para construir uma identidade para a região e seus produtos, tornando-os conhecidos nacionalmente (FALCADE, 2004).

2.5 INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS

A mais antiga região produtora de vinhos demarcada é a do Douro em Portugal, possui uma área de 250 mil hectares e foi criada em 1756. Outra região importante no mundo dos vinhos é a região de Champagne, localizada no nordeste da França. Foi criada em 1927, produz vinhos brancos espumante de uma ou várias uvas, possuindo 32 mil hectares de produção, com cerca de 5 mil marcas. O nome Champagne é uma AOC, a mais rigorosa Denominação de Origem usada na França, equivalente a DOC, usada em Portugal. Champagne se localiza no nordeste da França, na região administrativa de Champagne-Ardenne cuja capital é Epernay (BURGOS, 2007).

(DOC) é um sistema de denominação de origem utiliza do para certificar vinhos, queijos, manteigas e outros produtos agrícolas portugueses. Esta denominação é atribuída a produtos produzidos em regiões geográficas delimitadas, que cumprem um conjunto de regras consignadas em legislação própria. A DOC é o equivalente português do francês *Appellation d'origine contrôlée* – (AOC), do italiano *Denominazione di origine controllata* – (DOC), e do espanhol *Denominacion de Origen* –(DO). (BURGOS, 2007).

No Brasil, com a criação da Lei de Propriedade Industrial (LPI) - lei nº 9.279 (Brasil, 1996), de 14/05/1996, é que se tem a regulação dos direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. Com esta lei as indicações geográficas foram qualificadas, concretizando a possibilidade de proteção legal no país. O Instituto Nacional de Propriedade Industrial - INPI, através de regulamento específico (INPI, 2000), estabeleceu normas para encaminhamento dos interessados ao reconhecimento de indicação geográfica no Brasil.

Com estes instrumentos, os produtores podem habilitar-se a pleitear o reconhecimento de uma das duas modalidades de indicação geográfica prevista: Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO). Pela Lei nº 9279, a Indicação de Procedência traz o nome geográfico do país, da região, da cidade, ou localidade de seu território, que tenha se tornado conhecido como local de extração ou produção de determinado produto ou serviço. Na Denominação de Origem o nome geográfico designa produtos e serviços com qualidades e características exclusivas do meio geográfico, incluindo fatores naturais e humanos.

A produção com origem geográfica tem limites de quantidade, com características de tipicidade e qualidade determinadas pelo clima, solo, pela tecnologia e produção. O segmento de vinhos foi pioneiro no Brasil na implementação de indicação geográfica, sendo um processo incipiente, diferente da comunidade europeia que possui centenas de Indicações geográficas para diversos produtos. A Associação dos Produtores do Vale dos Vinhedos (APROVALE) foi criada em 1995 tendo como um dos objetivos o estabelecimento e a proteção da Indicação de Procedência para o Vale dos Vinhedos, uma sub-região vitivinícola da Serra Gaúcha, no estado do Rio Grande do Sul.

A Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos foi implementada após seis anos de trabalho de várias entidades, como Embrapa Uva e Vinho, Universidade de Caxias do Sul, que trabalharam em ações de desenvolvimento científico, tecnológico e zoneamento dos vinhedos, estruturadas como Indicação de Procedência. No Brasil atualmente temos as seguintes Indicações de procedência: IP Vale dos Vinhedos – DO- (Aprovale), IP da Uva Goethe (Progoethe), IP Farroupilha (Afavin), IP Monte Belo (Aprobelo), IP Pinto Bandeira (Asprovinho), IP Altos Montes (Apromontes). Em Estruturação: Vale do São Francisco, Campanha Gaúcha, Altos de Pinto Bandeira e Serra Catarinense (Embrapa, 2012).

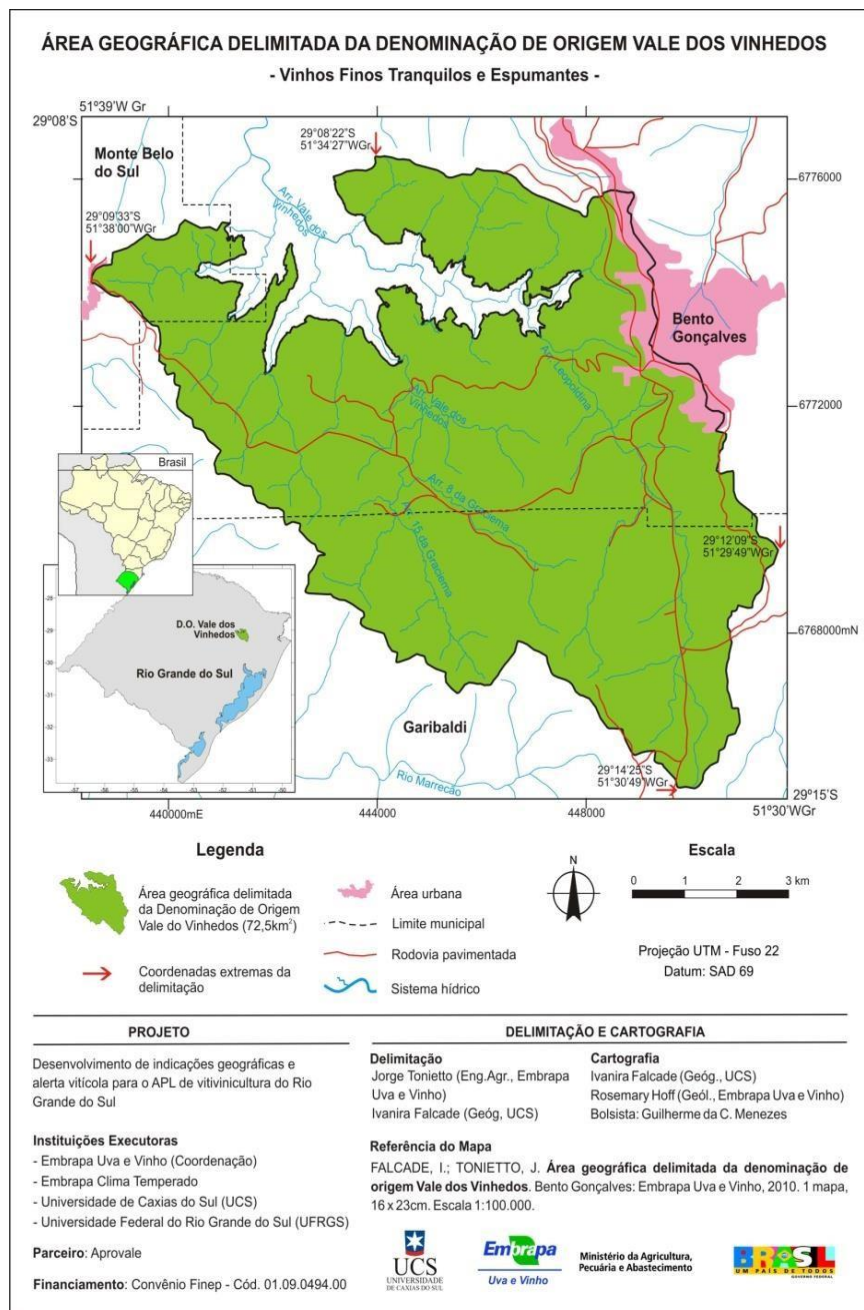
2.5.1 Normas da Vitivinicultura com Indicação Geográfica Vale dos Vinhedos

O regulamento da IP Vale dos Vinhedos traz 12 inovações em relação à produção tradicional de vinhos no Brasil. Estas inovações incluem aspectos da produção, controle e comercialização de vinhos de qualidade.

Área de Produção Delimitada: a área delimitada da IP Vale dos Vinhedos localiza-se nos municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Bello do Sul, Serra

Gaúcha, estado do Rio Grande do Sul, com área de 81,23 km². No limite norte a região Vale dos Vinhedos se estende até as cristas e patamares de vertente da Zemith e da Eulália; a leste as cristas e patamares de vertente de Bento Gonçalves e de Tamandaré; a sudeste e sul as cristas de vertente da Garibaldina e da Graciema; a sudoeste as cristas de vertente da Leopoldina e a extremo oeste o patamar da cidade de Monte Bello do Sul.

Figura 3 – Mostra a área geográfica da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos



Embrapa 2002

- 1) Inovação: estabelecimento de um marco geográfico que serve de referência espacial para a viticultura de produtos com IP, sendo de caráter inovador, já que a vitivinicultura nacional não possuía legislação para esta finalidade.
- 2) Regulamentação das cultivares autorizadas: são autorizadas cultivares *Vitis vinífera* de acordo com a relação listada.
 - Cultivares Tintas: Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc, Merlot, Tannat, Pinot Noir, Gamay, Pinotage, Alicante Bouschet, Ancelotta e Egiodola.
 - Cultivares brancas: Chardonnay, Riesling Itálico, Sauvignon Blanc, Sémillon, Trebiano, Pinot Blanc, Gewurztraminer, Flora, Proseco, Moscato e Malvasias.
 - As cultivares americanas são proibidas na elaboração de vinhos com IP, bem como todas as híbridas interespecíficas.
- 2.1) Inovação: A IP Vale dos Vinhedos limita a quantidade de variedades, valorizando a expressão daquelas com maior potencial vitícola e enológico. Este procedimento oportuniza uma maior especialização de determinadas variedades, buscando maior identidade.
- 3) Rendimento máximo por área: O rendimento por hectare busca valorizar a qualidade da uva e dos produtos, ficando estabelecido um rendimento máximo de 150 hectolitros por hectare. Um eventual excedente de produtividade em determinado ano não será autorizado para a elaboração de vinhos protegidos pela IP Vale dos Vinhedos.
- 3.1.) Inovação: a produtividade elevada nos vinhedos produz uvas de menor potencial enológico. A legislação não estabelece um limite máximo de produtividade por área, sendo comum produtividade elevada em alguns vinhedos, com visível diminuição da qualidade das uvas e, conseqüentemente dos vinhos elaborados. A IP Vale dos Vinhedos estabelece um limite máximo para assegurar padrões de qualidade, bem como manter o equilíbrio de oferta no mercado.
- 4) Origem da matéria prima: a área de produção de uva é aquela compreendida pela área geográfica delimitada pela IPVV. Os produtos

elaborados dentro da IPVV deverão ser elaborados com no mínimo de 85% de uvas produzidas dentro da área delimitada.

4.1) Inovação: a qualidade dos vinhos e sua tipicidade são definidos pelos fatores naturais e humanos, peculiares de cada região de produção. A mesma variedade cultivada em lugares diferentes, com o mesmo sistema de cultivo, vinificação e envelhecimento, resulta em produtos de características organolépticas diferentes. A IP Vale dos Vinhedos adota um limite de variáveis, que incluem condições topoclimáticas, edáficas, geomorfológicas, bem como um *savoir-faire* do viticultor local (TONIETTO, 2001).

5) Produtos autorizados: Os produtos da IP Vale dos Vinhedos só podem ser elaborados a partir de uvas *Vitis vinífera*, listados a seguir segundo a legislação brasileira de vinhos:

- Vinho Tinto seco
- Vinho Branco seco
- Vinho Rosado seco
- Vinho Leve
- Vinho Espumante natural
- Vinho Moscatel espumante
- Vinho Licoroso

5.1) Inovação: A IP Vale dos Vinhedos autoriza apenas 7 produtos, direcionando para produtos de maior potencialidade regional, diferente da legislação brasileira que autoriza dezenas de produtos vitivinícolas.

6) Elaboração, Envelhecimento e Engarrafamento dos Produtos na Área Delimitada:

O Regulamento da IP Vale dos Vinhedos estabelece que "os produtos da IP Vale dos Vinhedos serão obrigatoriamente elaborados, envelhecidos e engarrafados na Área Delimitada Geograficamente".

6.1) Inovação: este procedimento oferece maior garantia que os produtos são elaborados dentro da área geográfica, reduzindo riscos de que os produtos possam ser adulterados fora da área de produção. A legislação brasileira do vinho não estabelece qualquer restrição neste sentido.

- 7) Controle de produção vitícola e enológica: O regulamento da IP Vale dos Vinhedos estabelece que o Conselho Regulador terá controle sobre a declaração de produção de uvas e de produtos por parte dos associados. O Conselho Regulador dispõe de outros controles relativos às operações de vinificação, manipulação, armazenamento e engarrafamento os produtos, de forma a assegurar a traçabilidade dos produtos protegidos pela IP Vale dos Vinhedos.
- 7.1) Inovação: Assegurar o controle pelo Conselho Regulador da IP Vale dos Vinhedos pelo cumprimento das normas vitícolas e enológicas estabelecidas.
- 8) Padrão de Identidade e Qualidade Química dos Produtos: Nas características químicas os produtos da IP Vale dos Vinhedos deverão atender a legislação brasileira. De forma complementar, visando garantir maior padrão de qualidade para os produtos amparados pela IP Vale dos Vinhedos, os mesmos deverão atender aos padrões analíticos máximos especificados a seguir:
- a) Quanto à acidez volátil: limite máximo de 15meq/l.
 - b) Quanto ao anidrido sulfuroso total, expresso em g/l;
 - Para o Vinho Branco seco e Vinho Rosado seco: 0,15g/l
 - Para o Vinho Tinto seco: 0,13 g/l
 - Para o vinho leve, vinho espumante natural e Vinho Moscatel Espumante e Vinho Licoroso: 0,20g/l.
- 8.1) Inovação: Além de atender os padrões químicos exigidos pela legislação brasileira, há um nível analítico mais exigente, de maneira a garantir maior qualidade dos vinhos.
- 9) Padrões de identidade organoléptica dos produtos: Os produtos da IP Vale dos Vinhedos somente receberão o selo de controle para engarrafamento após terem atendido ao disposto neste Regulamento, bem como terem sido aprovados na avaliação sensorial a ser realizada pela Comissão de Degustação da IP Vale dos Vinhedos
- 9.1) Inovação: A qualidade dos vinhos para o consumo somente poderá ser verificada através de análise sensorial, uma vez que padrões químicos

não asseguram, por si só, qualidade organoléptica. Este é o objetivo desta inovação, característica em vinhos com denominação de origem, visando colocar no mercado vinhos com padrões de qualidade superior aos padrões mínimos estabelecidos pela IP Vale dos Vinhedos.

- 10) Conselho Regulador: A IP Vale dos Vinhedos será regida por um Conselho Regulador nos moldes estatutários da APROVALE.
- 10.1) Inovação: Esta inovação se concentra no autocontrole, estabelecido dentro da IP Vale dos Vinhedos pelo Conselho Regulador, formado por produtores vitivinícolas e membros externos. O Conselho controla, gere e administra a IP, estabelece estratégias de mercado, servindo de canal de comunicação entre os produtores e os consumidores.
- 11) Sinal distintivo para o consumidor: Os produtos engarrafados pela IP Vale dos Vinhedos terão identificação no rótulo e na cápsula conforme a norma que segue: o selo conterá os seguintes dizeres "Conselho Regulador da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos", bem como conterá um número de controle. A quantidade de selos será equivalente à produção correspondente a cada associado.
- 11.1) Inovação: Os rótulos dos vinhos da IP Vale dos Vinhedos deverão comunicar seu caráter diferencial, o que ele representa, como é produzido, as normas a que é submetido, possibilitando fácil identificação. O selo de controle facilita a rastreabilidade dos produtos ao longo da cadeia produtiva, sendo um elemento inibidor de fraudes.
- 12) Respeito às Indicações Geográficas conhecidas: São princípios dos participantes da IP Vale dos Vinhedos, o reconhecimento e a aceitação das indicações geográficas mundiais. Assim os inscritos na IP Vale dos Vinhedos não poderão usar em seus produtos, o nome de indicações geográficas do Brasil e de outros países.
- 12.1) O Brasil usou e ainda usa alguns nomes de denominação de origem estrangeiras, amparadas na legislação nacional. Ao se inserir neste contexto, das Indicações Geográficas, a IP Vale dos Vinhedos assume uma postura de respeito às indicações geográficas reconhecidas, assumindo um papel de uso devido da mesma.

3 METOLOGIA E PROCEDIMENTOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO

Este trabalho se caracteriza por um estudo de caso, tendo uma abordagem quali-quantitativa, sendo realizado em seis vinícolas, estabelecidas dentro da região geográfica denominada Vale dos Vinhedos. São quatro de pequeno porte e duas de médio porte, assim classificadas pelo volume de uvas e vinhos processados por ano, segundo registros junto a APROVALE. Inicialmente o trabalho teve uma revisão da bibliografia sobre o tema, para que o pesquisador estabeleça a referência inicial de apoio na determinação dos fenômenos envolvidos (MARCONI; LAKATOS, 2006). Experimentos, levantamentos, pesquisas históricas e análises de informações em arquivos, são exemplos de outras maneiras de se fazer pesquisa. Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “porque” com foco em fenômenos da vida real (YIN, 2001). Segundo Gil (1999), a pesquisa descritiva tem por objetivo chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido, não se distingue de outras formas de conhecimento, que o torna fundamental para sua verificabilidade.

As perguntas do mesmo foram direcionadas a traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para testar as hipóteses ou esclarecer o problema de pesquisa.

De acordo com Bardin (2011), instrumentos metodológicos para analisar conteúdos de pesquisas, sendo cada vez mais aperfeiçoados para traduzir em modelos baseados em dedução.

Pesquisas quantitativas são utilizadas quando se faz necessário quantificar ou mensurar variáveis, econômicas no caso, a fim de sintetizar e tabular os dados de forma numérica ou gráfica (MEZZAROBA; MONTEIRO, 2014). Além disso, as análises quantitativas visam interpretar ou correlacionar as variáveis da pesquisa, em datas distintas, sejam elas temporais ou espaciais. Neste sentido o número índice pode ser aplicado para verificar a variação percentual, dado um preço, quantia ou valor atual, dividido pela base diminuindo de um menos cem (FONSECA, 2007).

3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada junto à seis vinícolas com aplicação de um questionário específico, aplicado em julho de 2013 (APÊNDICE A).

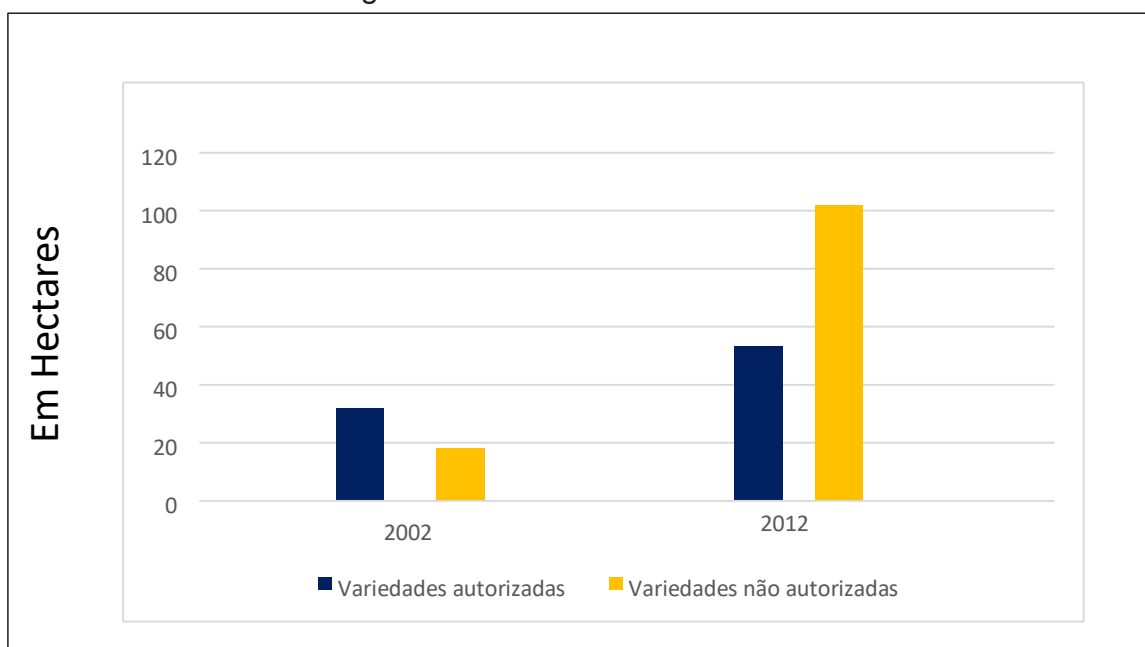
O questionário está estruturado em partes, para captar características das seis vinícolas, segundo os objetivos e estudo das variáveis. A pesquisa busca esclarecer a parte agrícola e vinificação, escolaridade e remuneração dos funcionários, bem como a evolução dos preços dos vinhos, num período que vai de 2002 até 2012. Construir um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para testar as hipóteses ou esclarecer o problema de pesquisa (GIL, 1999). Além disso, pela condição técnica do pesquisador utilizar-se-a observação direta

4 RESULTADOS DA PESQUISA

A análise dos dados será feita por meio de duas abordagens. Na primeira se procederá uma análise quantitativa, observando-se a evolução de 2002 a 2012. A segunda análise será qualitativa interpretando o conteúdo das respostas específicas da pesquisa nas seis vinícolas.

A Figura nº 4 mostra a área cultivada em hectares de vinhedos que as vinícolas praticavam em 2002 e em 2012 de uvas autorizadas pela IPVV e as não autorizadas pela IPVV.

Figura 4 – Área cultivada de vinhedos



Fonte: elaborada pelo autor

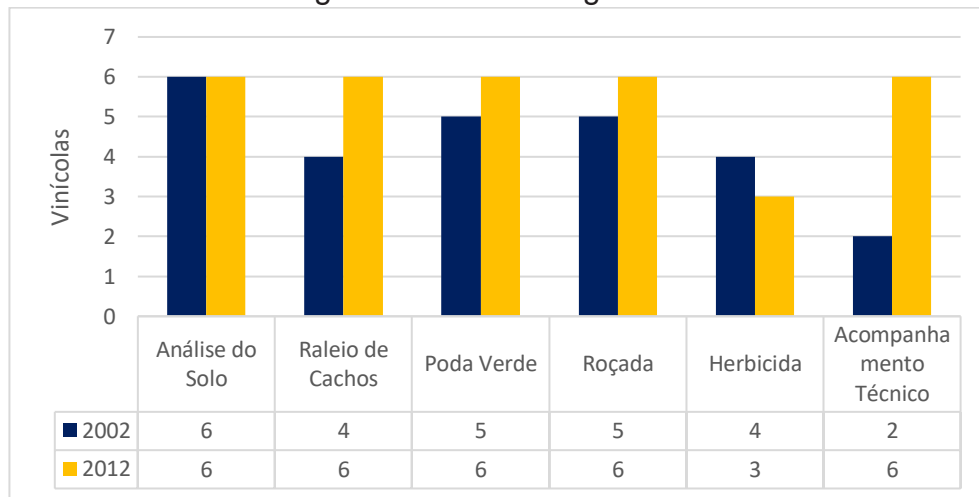
A Figura 4 mostra que a área inicial de vinhedos em 2002 de variedades autorizadas era de 32 hectares e em 2012 era de 53 hectares, com um aumento de 65,6%. Nas variedades não autorizadas pela IPVV a área inicial era de 18 hectares e em 2012 era de 102 hectares com um aumento de área de 466,6%. Isto mostra que as vinícolas diversificaram as variedades de uvas e vinhos para atender a demanda do mercado.

Dentre as variedades autorizadas e as não autorizadas pela IPVV, todas as vinícolas fizeram a conversão para o sistema de condução de latada para espaldeira

das videiras. Os novos vinhedos já foram implantados com esse modelo de condução, conseguindo menos produção com mais qualidade.

A Figura 5 - mostra as práticas agrícolas em 2002 e 2012 praticadas pelas vinícolas pesquisadas.

Figura 5 – Práticas agrícolas

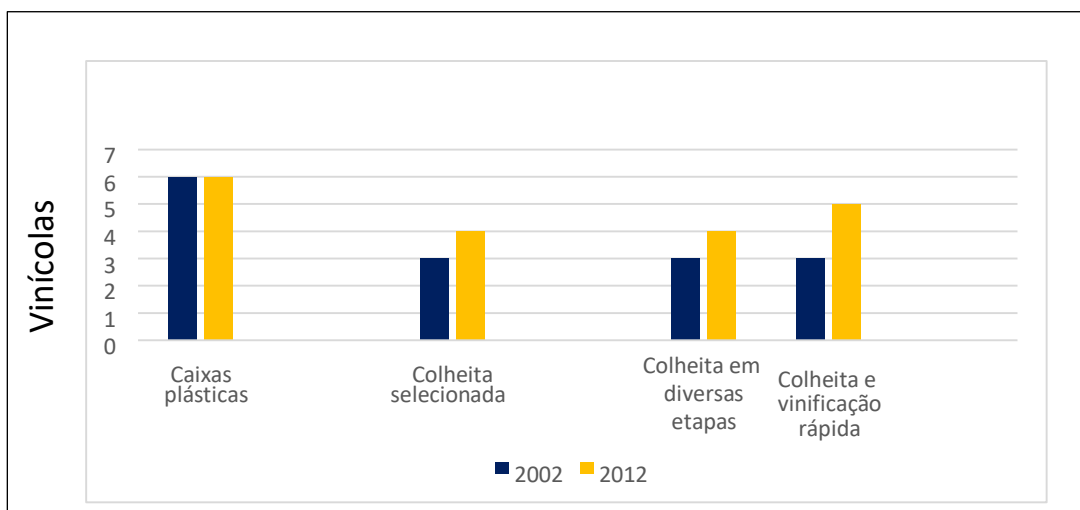


Fonte: elaborada pelo autor

A Figura 5 mostra que de 2002 para 2012 mudaram especialmente nas práticas que trazem qualidade para a uva, ou seja, raleio de cachos, poda verde e acompanhamento técnico. Ocorreu um aumento na roçada mecânica e diminuição do uso de herbicidas.

A Figura 6 mostra a forma de colheita das uvas para vinificação;

Figura 6 – Colheita de uvas

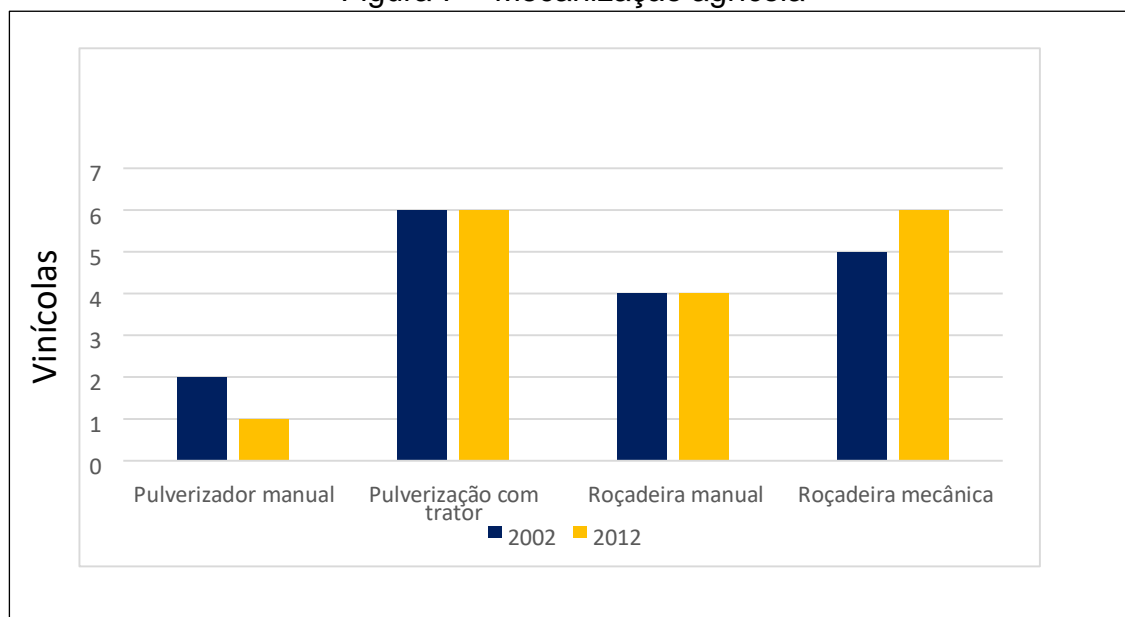


Fonte: elaborada pelo autor

A Figura 6 mostra que não ocorreram grandes mudanças na forma de colheita, no período de estudo, destacando a colheita em diversas etapas para esperar a melhor maturação e vinificação rápida para não perder a qualidade das uvas.

A Figura 7 mostra os equipamentos e máquinas usadas nas práticas agrícolas pelas vinícolas.

Figura 7 – Mecanização agrícola

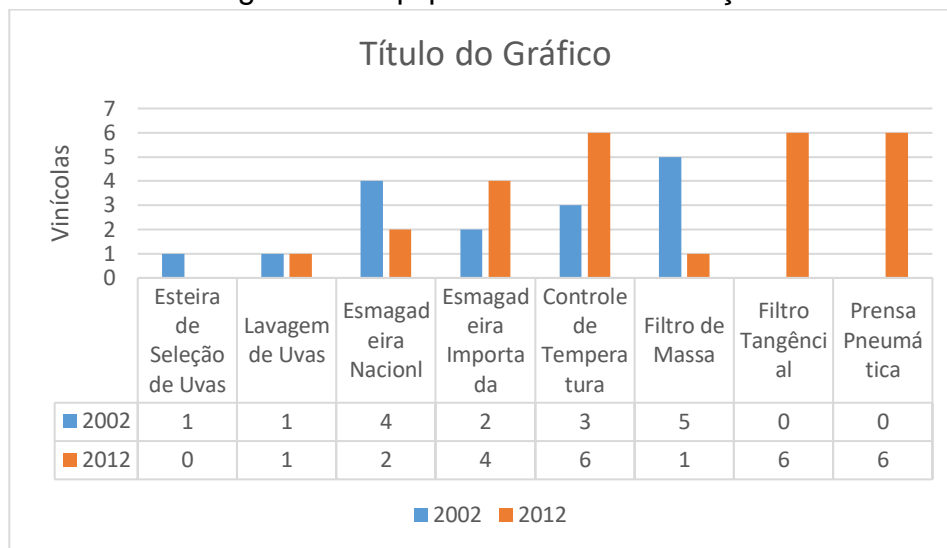


Fonte: elaborada pelo autor

De acordo com a figura 7 nota-se que em 2002 ainda se pulverizava manualmente em parte dos vinhedos, porém em 2012 toda pulverização era mecanizada e todas as vinícolas usavam roçadas mecânicas.

A Figura 8 mostra os equipamentos usados na vinificação de 2002 a 2012 e sua evolução.

Figura 8 – Equipamentos na vinificação

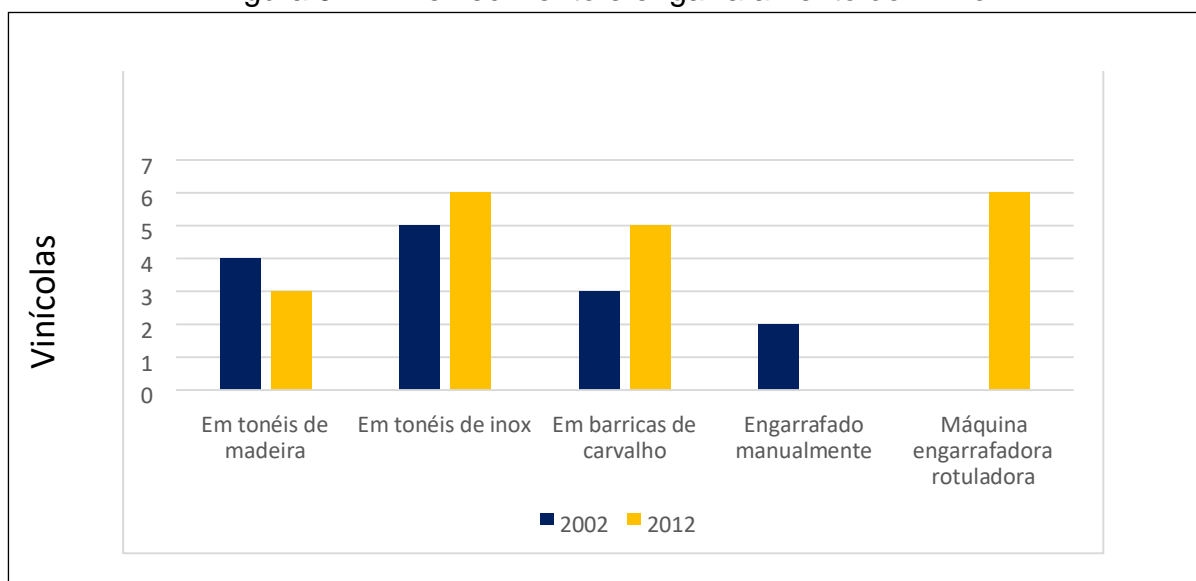


Fonte: elaborada pelo autor

De acordo com a figura 8 ocorreu um destaque que todas as seis vinícolas usam esmagadeira de uva importada por ser de melhor qualidade e, todas as seis controlam a temperatura durante a fermentação dos vinhos, trazendo com isso mais aromas e qualidade nos produtos. Também as seis usavam em 2012 prensa dos bagaços pneumática e filtro tangencial, mais modernos.

A Figura 9 mostra como o vinho é envelhecido para ser engarrafado posteriormente.

Figura 9 – Envelhecimento e engarrafamento do vinho



Fonte: elaborada pelo autor

A Figura 9 traz a forma de armazenagem e envelhecimento dos vinhos bem como o engarrafamento. No período ocorreu uma diminuição do uso de tonéis de madeira, sendo usado por todas tonéis de inox. Cinco em 2012 envelhecem os vinhos em barris de carvalho e todas usam máquinas de engarrafar e rotular em 2012.

Quadro 2 – Preços médios dos vinhos praticados em 2002 e 2012 e preços corrigidos pela inflação no período com base 2002. em R\$

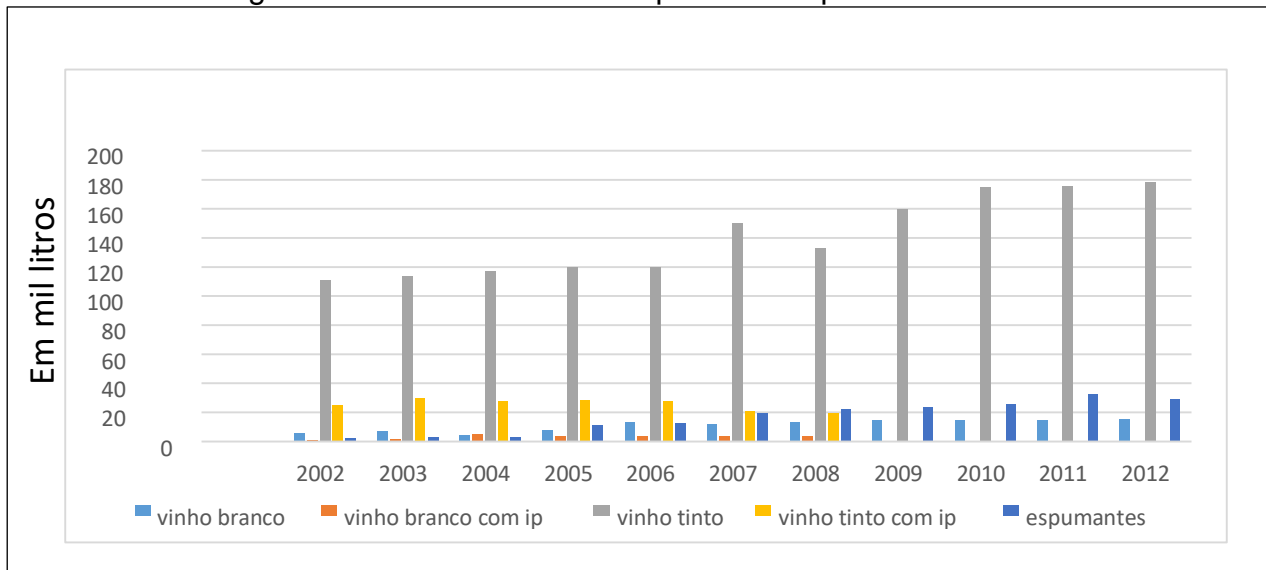
Vinícolas	Preço do vinho em 2002	Preço do vinho em 2012	Preço corrigido pela inflação	Diferença %
Vinícola 1	18	46	35,77	28,59%
Vinícola 2	12	23	23,84	-3,52%
Vinícola 3	25	45	49,68	-9,42%
Vinícola 4	12	25	23,84	4,86%
Vinícola 5	12	29	23,84	21,64%
Vinícola 6	42	65	83,46	-22,11%

Fonte: elaborada pelo autor

O Quadro 2 mostra que três vinícolas estão praticando preços acima da inflação no período, com destaque para a vinícola 1 que pratica um preço 28,59% acima do preço corrigido e a vinícola 5 que pratica um preço 21,64% maior que o preço corrigido. As vinícolas 2, 3 e 6 praticam um preço menor que o preço corrigido no período, sendo que a maior diferença é da vinícola 6 que tem o preço 22,11% abaixo do preço corrigido.

A Figura 10 mostra a produção de vinhos com IP e sem IP pelas vinícolas pesquisadas.

Figura 10 – Volume de vinhos produzidos pelas seis vinícolas

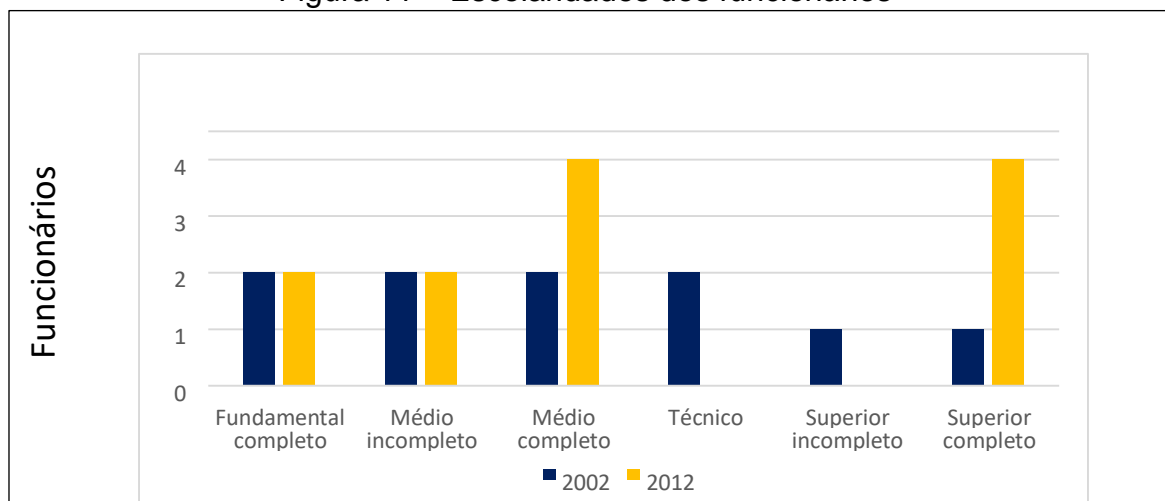


Fonte: elaborada pelo autor

A Figura 10 mostra a média de produção de vinhos pelas seis vinícolas no período de estudo. Os vinhos tintos são produzidos em maior quantidade em relação aos brancos e tiveram um aumento na produção de 60,81% no período. A produção de vinhos com IP é próxima a 6%, não é significativa em relação ao volume total de produção, sendo os brancos com IP pouco produzidos e a produção encerrou em 2008 com a introdução da DO. Os espumantes tiveram a produção crescendo em todos os anos da pesquisa, com aumento de 1052% maior em 2012 em relação à 2002.

A Figura 11 mostra a escolaridade dos funcionários no período de estudo.

Figura 11 – Escolaridades dos funcionários



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com a figura 11 em 2002 nenhuma vinícola possuía funcionários com curso superior. Em 2012 4 vinícolas das possuíam funcionários com curso superior completo.

Quadro 3 mostra a remuneração dos funcionários em 2002 e 2012, bem como a correção pela inflação no período e a diferença percentual praticada.

Quadro 3 – Remuneração dos funcionários

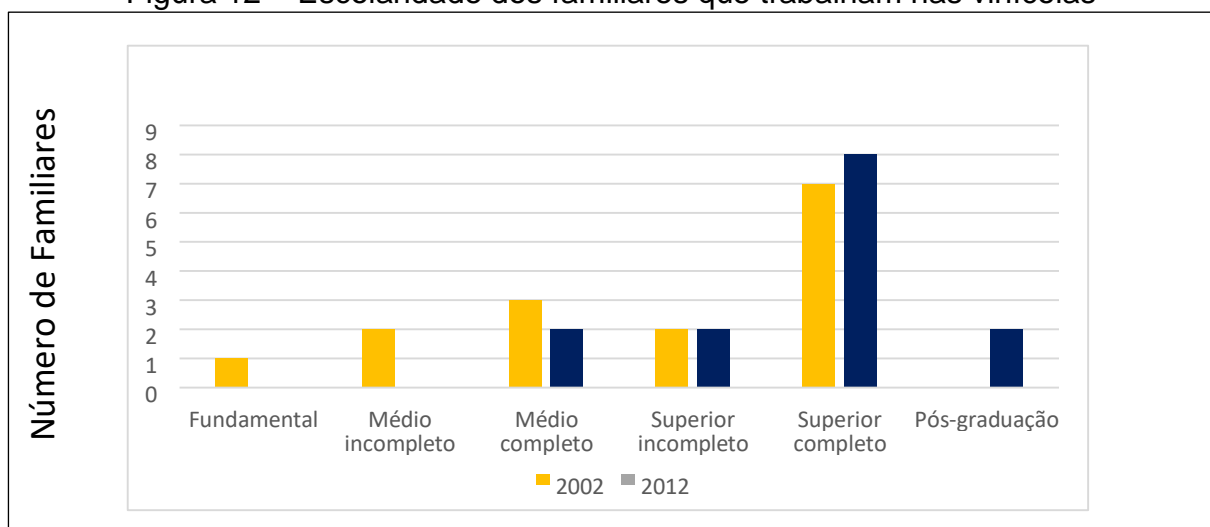
Vinícolas	Salário 2002	Salário 2012	Salário corrigido p/inflação	Diferença %
Vinícola 1	900,00	2000,00	1788,48	11,82 %
Vinícola 2	800,00	1700,00	1589,76	6,93%
Vinícola 3	1000,00	1800,00	1987,20	-9,42%
Vinícola 4	450,00	1300,00	894,24	45,37%
Vinícola 5	800,00	1700,00	1589,76	6,93%
Vinícola 6	600,00	1100,00	1192,00	-7,71%

Fonte: elaborada pelo autor

A Tabela 3 mostra que as vinícolas 1, 2, 4 e 5 remuneraram seus funcionários com valor acima do corrigido pela inflação no período. As vinícolas 3 e 6 remuneraram os funcionários com valores abaixo do valor corrigido pela inflação no período.

A Figura 12 mostra a escolaridade das famílias proprietárias das vinícolas pesquisadas.

Figura 12 – Escolaridade dos familiares que trabalham nas vinícolas



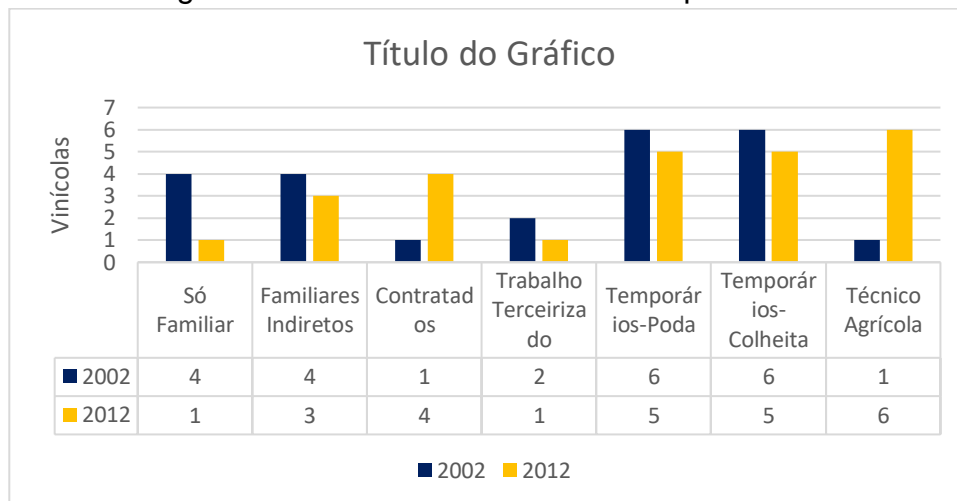
Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com a figura 12 a escolaridade das famílias possuidoras das vinícolas evoluiu na formação superior completo em 2012. Todas as vinícolas

possuíam um ou mais pessoas com curso superior e, em duas vinícolas apresentaram familiares com pós-graduação. Isto mostra a busca pela qualificação superior dos proprietários e familiares, especialmente em cursos de gestão.

A Figura 13 mostra a gestão operacional dos vinhedos e das vinícolas no período.

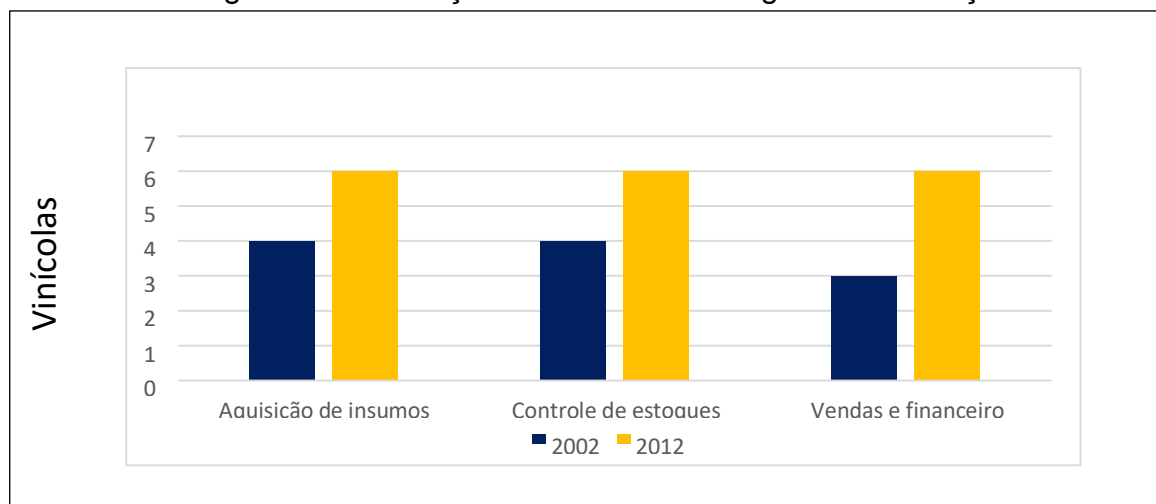
Figura 13 – Gestão administrativa e operacional



Fonte: elaborada pelo autor

De acordo com a figura 13 em 2002 as vinícolas usavam somente mão de obra familiar, em 2012 todas as vinícolas usam trabalhadores contratados temporários na poda e colheita, e cinco delas usavam enólogo e técnico agrícola como assessoria. A Figura 14 mostra o uso da tecnologia da informação no período de estudo, usada no controle gerencial e administrativo das vinícolas.

Figura 14 – Evolução do uso de tecnologia da informação

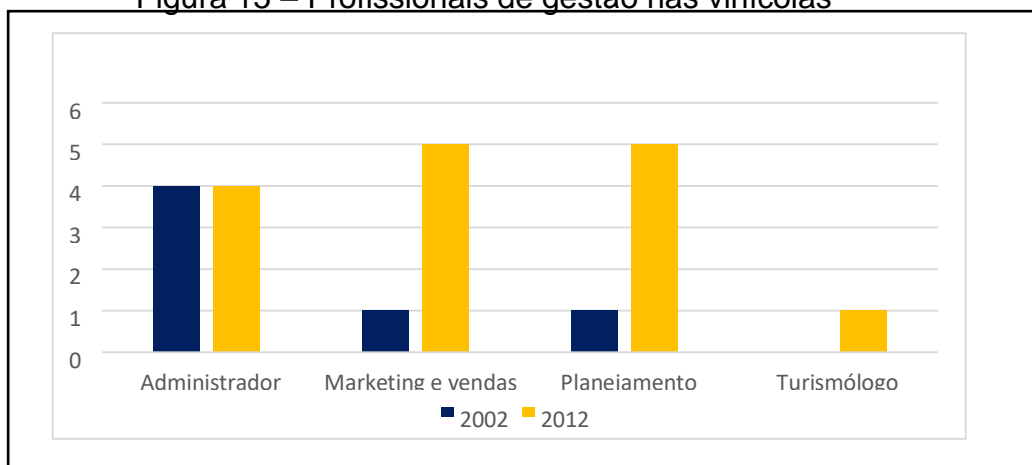


Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com a figura 14 em 2002 as vinícolas pesquisadas usavam parcialmente a tecnologia da informação na gestão, em 2012 todas as seis vinícolas usavam esta tecnologia.

A Figura 15 mostra o uso de profissionais de gestão em 2002 e 2012.

Figura 15 – Profissionais de gestão nas vinícolas

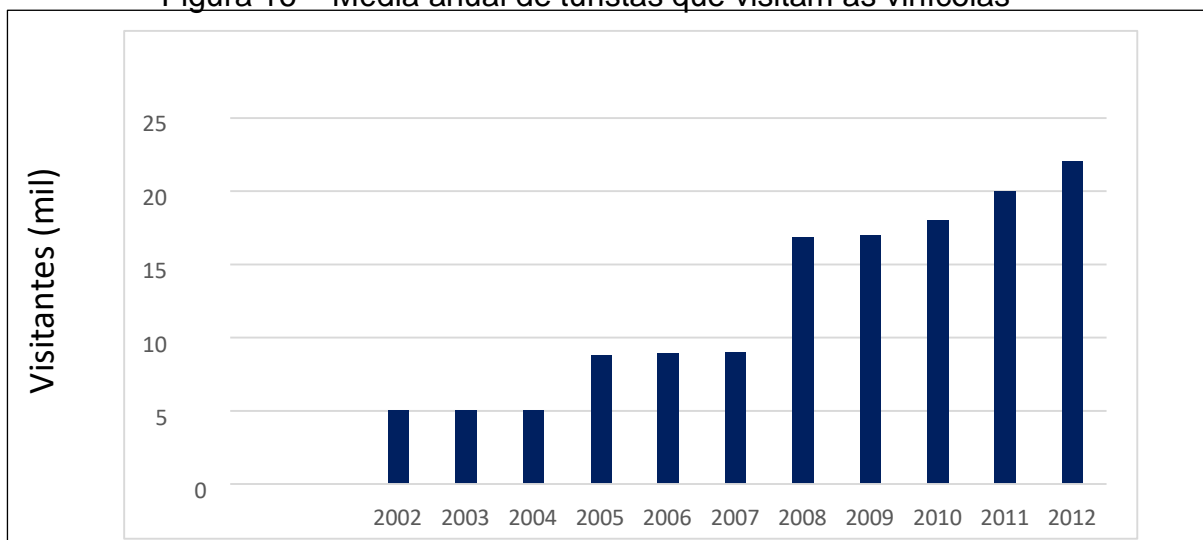


Fonte: elaborada pelo autor

De acordo com a figura 15 em 2002 cinco vinícolas usavam administrador na gestão, em 2012 cinco tem administrador e seis usavam profissional de marketing e planejamento e uma usa turismólogo.

A Figura 16 mostra a média anual de turistas que visitaram as seis vinícolas pesquisadas.

Figura 16 – Média anual de turistas que visitam as vinícolas

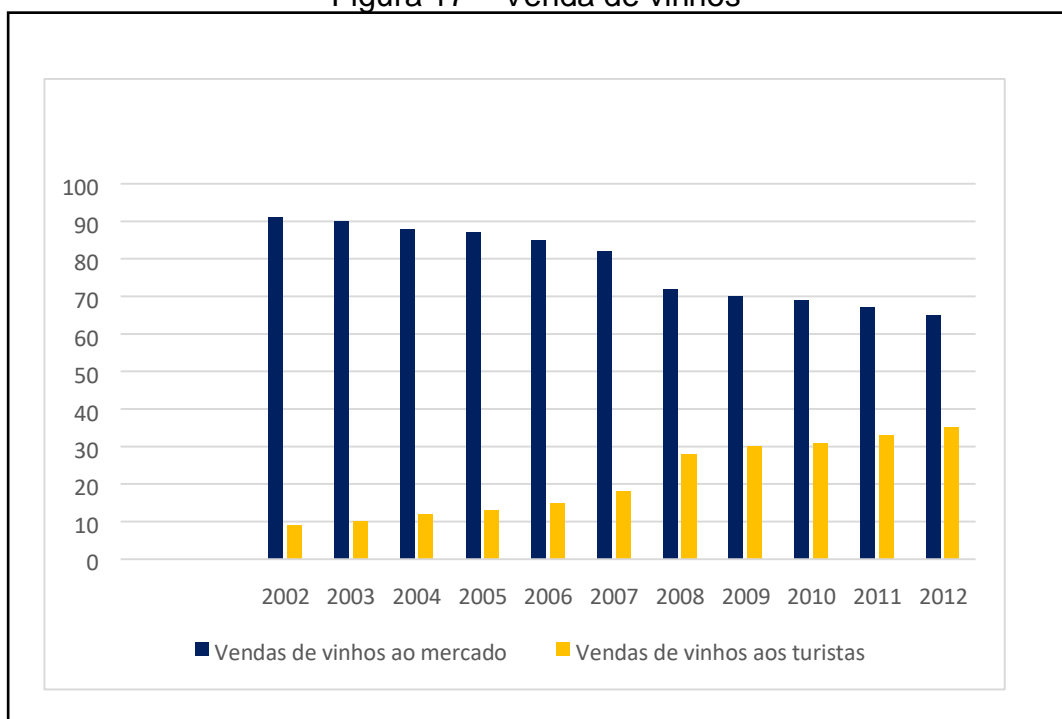


Fonte: elaborada pelo autor

A Figura 16 mostra que no período de estudo a média de turistas que visitaram as vinícolas começou com 5 mil visitantes em 2002, passando a 10 mil visitantes em meados de 2006 e em 2012 a média de turistas foi de 22 mil visitantes, representando um aumento de 340%.

A Figura 17 mostra a comparação percentual da venda de vinhos ao mercado consumidor normal e a venda de vinhos aos turistas que visitaram as seis vinícolas durante o período de estudo.

Figura 17 – Venda de vinhos



Fonte: elaborada pelo autor

De acordo com a Figura 17 em 2002 a venda de vinhos aos turistas representava 9%, em 2012 esse percentual passou a 35%. A partir de 2008 o volume de vendas aos turistas teve um aumento continuado em todos os períodos seguintes, com uma constante inversão, diminuindo as vendas ao mercado com aumento de vendas de vinhos aos turistas.

4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com relação aos resultados da pesquisa e discussões, pode-se afirmar que as vinícolas ampliaram a área de vinhedos, com IP em 65,62 % e ampliaram muito

mais nas variedades de uva sem IP num índice de 466%, no período de estudo de caso. Isto mostra a diversificação das variedades introduzidas de uvas e vinhos, relacionando com Carvalho (2007), “crescimento econômico e diversificação, levando a inovações, conhecimento e variedade na produção”.

As vinícolas pesquisadas trabalham num modelo de agricultura familiar, sendo a família ou parte dela responsável pelo trabalho operacional e de gestão. A maioria das vinícolas pesquisadas tinham filhos trabalhando junto no negócio, sendo que todos eles se qualificaram em cursos superiores ligados a gestão em 2012. A qualidade no âmbito das organizações se alinha com a qualidade da mão de obra, envolvendo motivação pessoal, e medindo performance (GALBRAITH, 1995). As vinícolas produtoras de vinhos finos da região, tem seus próprios vinhedos para vinificação. Com as vinícolas do estudo de caso não é diferente, permitindo um manejo na parte do cultivo dos vinhedos adequado para a qualidade das uvas. O processo ocorre desde o preparo do solo, com mudas de videiras selecionadas, controle de doenças, manejo da quantidade e qualidade das uvas, permitindo trabalhar todo o processo até a vinificação, maturação, envase e venda dos vinhos.

Quanto a tecnologia e equipamentos tanto na parte da agricultura quanto na vinificação, as seis vinícolas utilizam o que está disponível no mercado para o setor, inclusive com equipamentos importados da Europa, que é referência em enologia. Estas máquinas e equipamentos trazem produtividade, rapidez e qualidade nos vinhos, mostrando uma evolução quali-quantitativa para estas variáveis. O manual de

Oslo (2007), reconhece e orienta inovações e crescimento nas organizações, sugere diretrizes, foca em novas tecnologias, novos produtos e sobretudo em inovações organizacionais. Esta obra define quatro tipos de inovações e que sugere crescimento nas organizações: de produtos, processos, organizacional e de marketing. Para Shumpeter (1934), a inovação pode ser classificada de acordo com o grau de mudanças implementadas, em seus diferentes tipos, podendo ser incremental ou melhorando o que já existe intermediária fazendo mudanças parciais.

A tecnologia da informação é usada em todos os processos das vinícolas pesquisadas, em 2012, trazendo agilidade e rapidez nas informações para os gestores das vinícolas. Nesta nova economia, informação e conhecimento substituem capital físico e financeiro; inteligência criadora constitui-se na riqueza da nova sociedade (CRAWFORD, 1994).

Um fator importante para as vinícolas da região é o turismo, inclusive para as do estudo de caso. O que foi encontrado no trabalho é que o turismo na região cresceu em todos os períodos da pesquisa, com incremento importante na venda de vinhos aos mesmos. Isto fortalece a região vinícola, com oferta de serviços como pousadas, restaurantes, passeios guiados etc. O enoturismo na região vinícola da Serra Gaúcha existe a mais de 100 anos, acompanhando a evolução da própria vitivinicultura. A identidade cultural, a diversificação dos produtos oferecidos e a melhoria da qualidade dos mesmos são atrativos significativos. Ao mesmo tempo, este tipo de turismo contribui para construir uma identidade para a região e seus produtos, tornando-os conhecidos nacionalmente (FALCADE, 2004).

Outros resultados foram extraídos da pesquisa, fora das variáveis específicas direcionadas para o trabalho.

- a) Os consumidores são pessoas esclarecidas apreciadores e entendedores de bons vinhos, exigentes por bons produtos, sendo importante a fidelização pelos produtos;
- b) A Indicação de procedência foi um agregado a mais, o processo de melhoria já estava em curso, porém a IP trouxe mais divulgação, por ser a primeira do país;
- c) O trabalho teve que ser persistente para que os resultados fossem alcançados;
- d) O selo da IPVV é importante para diferenciar e marcar a localização e a origem dos vinhos;
- e) Algumas vinícolas usam o vinho para diversificar com eventos e festas no local mediante agendamento;
- f) Os vinhos com IP não representam o maior volume de faturamento das vinícolas. Outros produtos são responsáveis pelo maior volume de vendas como, espumantes com crescimento muito grande no período, os vinhos tintos sem IP tiveram uma diversidade grande de variedades cultivadas e aumentando o faturamento nas vinícolas, alguns vinhos premium elevam também as vendas como os varietais Merlot e Cabernet Sauvignon.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viticultura tem importância econômica regional e nacional, empregando milhares de pessoas e gerando renda e riqueza. No Brasil, no início da colonização Portuguesa ocorreram algumas iniciativas de cultivo de videiras, porém sem sucesso. No Rio Grande do Sul, especificamente na Serra, a vitivinicultura teve êxito a partir da colonização de italianos que iniciou em 1875. Atualmente existem cerca de 15 mil famílias produtoras de uvas e vinhos na região, representando cerca de 90% da produção nacional, que vivem do cultivo da fruta. Bento Gonçalves é grande produtora de uvas e vinhos, com destaque para o Vale dos Vinhedos, o qual pertence em parte a este município gaúcho.

O presente trabalho se caracteriza por um estudo de caso, que pesquisou 6 vinícolas na região Vale dos Vinhedos, no período de 2002 a 2012 para verificar se ocorreu crescimento econômico a partir da implantação da Indicação de Procedência IP em 2002, pelo INPI. As vinícolas pesquisadas foram escolhidas pelo tamanho de produção de vinhos, duas de pequeno porte com produção até 100 mil litros de vinho e quatro de médio porte com produção de até 500 mil litros de vinho.

O primeiro resultado da pesquisa encontrado foi que todas as vinícolas pesquisadas, converteram o sistema de condução dos vinhedos de latada para espaldeira, inclusive nos novos vinhedos implantados. Este sistema de cultivo diminui a quantidade de uvas produzidas por hectare com aumento da qualidade das uvas para fins de vinificação.

Nas práticas agrícolas ocorreram mudanças significativas no manejo dos vinhedos como, raleio de cachos e poda verde com acompanhamento técnico. Máquinas e equipamentos, todas as vinícolas incorporaram no uso em 2012, como tratores nas pulverizações e roçadas. Na colheita se destaca as diversas etapas de vinificação, para melhor aproveitar a maturação das uvas, elevando a qualidade do vinho, destacando a variável qualitativa neste procedimento.

Na vinificação todas as vinícolas possuíam em 2012 equipamentos modernos, como tanques de inox, esmagadeiras importadas, barris de carvalho para envelhecer o vinho, controle de temperatura na fermentação e máquinas engarrafadoras. Essas variáveis físicas fixas trazem qualidade no armazenamento e envelhecimento dos vinhos, bem como rapidez no envase do produto.

Com relação a quantidade de vinhos, os tintos sem IP são a maioria da produção, com crescimento na quantidade e variedade em todos os anos. Os espumantes tiveram um crescimento na produção em todos os anos da pesquisa, tendo destaque no volume de vendas das vinícolas. Os vinhos com IP são pouco significativos na quantidade produzida, e os brancos com IP produzidos em quantidade menor que os tintos. Em 2008 encerrou a produção de vinhos com IP, pois foi introduzida a Denominação de Origem, outra forma de qualidade de vinhos.

Os preços dos vinhos praticados no período de estudo foram coletados em 2002 e 2012. Os preços praticados em 2002 foram corrigidos pela inflação oficial no período e, comparados com os preços praticados em 2012. Três vinícolas praticavam preços superiores aos corrigidos pela inflação, sendo a variação percentual de 4,86% a 28,59% e três vinícolas praticavam preços inferiores aos corrigidos pela inflação, sendo numa variação de -3,52% até -22,11%.

A remuneração dos funcionários das vinícolas não apresentou ganhos significativos que possam mostrar crescimento real no período de estudo.

Com relação a escolaridade dos familiares proprietários das vinícolas o estudo de caso apresentou que todas as seis vinícolas em 2012, possuíam alguém com curso superior e duas com pós-graduação entre os gestores. Em 2002 a mão de obra era essencialmente familiar e em 2012 todas as vinícolas contratam trabalhadores para poda e colheita, e todas têm assessoria técnica nos vinhedos.

Na parte de uso da tecnologia da informação, em 2002, tinha alguma parte informatizada nas vinícolas, em 2012 todos os setores das vinícolas usavam tecnologia da informação. Em 2012 todas as vinícolas usavam profissionais de planejamento, marketing e turismólogo, profissionais não utilizados em 2002.

Os turistas tiveram um destaque no estudo de caso, devido ao grande crescimento no período, uma das variáveis de maior mudança quantitativa. Em 2002, em média 5000 turistas visitavam as seis vinícolas, em 2012 a média de visitantes passou a 22000 mil turistas ano, ou seja, um incremento de 340%. Outro aspecto com relação aos turistas é o percentual de vendas de vinhos aos mesmos. Em 2002 a venda representava 9%, passando a 35% em 2012, com crescimento em todos os anos do período.

O objetivo do estudo de caso foi alcançado, ocorreu crescimento mais qualitativo do que quantitativo em algumas variáveis. O crescimento via preços não ocorreu significativamente nos vinhos. Na parte da agricultura e vinificação todas as

vinícolas apresentaram melhorias em máquinas e equipamentos, qualificando e agilizando a produção e seus processos. O maior destaque foi o turismo, com crescimento continuado em todos os períodos juntamente com a produção e venda de espumantes. Porém devido à inúmeras limitações trabalhos futuros poderão trazer maiores esclarecimentos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Análise da Inserção do PRONAF na Política Agrícola**. Projeto de Pesquisa - São Paulo - Brasília: Convênio FIPI/IPEA, 2007.
- APROVALE. **Relatório do conselho regulador de indicação geográfica**, 2001. Bento Gonçalves, 2001. 39p.
- ARAÚJO, J. M. **Fundamentos do Agronegócio**. Revista, Ampliada e Atualizada. São Paulo. Atlas. 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo. Edições 70, 2011.
- BENI, M. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 1998.
- BIELCHOWSKY, C.E. **Acumulação de Capital e Industrialização do Brasil**. UFRJ, 1998.
- BOYES, W.; MELVIN, M.; **Introdução à Economia**. São Paulo: Ática, 2006.
- BYRNS, R. T.; STONE, G. W. **Microeconomia**. Makron Books. São Paulo. 1996.
- BRASIL. **Lei 9279, de 14 de maio de 1996**. Lei de Propriedade Industrial. Brasília, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, 1996.
- BURGOS. C. **Vinhos do mundo – França/Champagne**. São Paulo: Veja, 2007.
- CARVALHO, L. B.; KUPFER, D. (2007). **A transição estrutural da indústria brasileira: da diversificação para especialização**. Anais do XXXV Encontro Nacional de Economia da ANPEC.
- CHADDAD, F. R. **Denominações de origem controlada: uma alternativa de adição de valor no agribusiness**. 1996. 106 f. Dissertação (Mestrado em Administração) .FEA, Universidade São Paulo, São Paulo, SP.
- CRAWFORD, R. **Na era do capital humano**. São Paulo: Atlas, 1994.
- DAMASCENO, N. D.; KHAN, A. S.; LIMA, P.V.P.S. **O impacto do Pronaf sobre a Sustentabilidade da Agricultura Familiar, Geração de Emprego e Renda no Estado do Ceará**. RESR, Piracicaba, SP. vol. 49 n° 01, p. 129-156, jan/mar 2011.
- DA ROCHA. **Crescimento e Gastos. Artigos Relacionados**. Fiesp. 2006.
- DE OLIVEIRA, J. F.; CORDEIRO, M. P.; DOS SANTOS, S. A. **Economia para administradores**. São Paulo, SP. 2006.

DE SOUZA, N. de J. **Desenvolvimento econômico**. São Paulo: Atlas, 1997.

DE SOUZA, N. de J. **Desenvolvimento econômico**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

DRUCKER, P. F. **Introdução à administração**. São Paulo: Pioneira, 1992.

EMBRAPA, 2016. **Indicações Geográficas no Brasil: as indicações de ... - A Embrapa**

Disponível em: <<https://www.embrapa.br/.../indicacoes-geograficas-no-brasil-as-indicacoes-de-procedencia>>

Acesso em 20/04/2018.

FÁVERO, I. M.R. **Políticas de Turismo. Planejamento na Região da Uva e Vinho**: Porto Alegre: Solaris, 2006

FALCADE, I.; MANDELLI, F. **Vale dos Vinhedos**: caracterização Geográfica da Região. Bento Gonçalves: Embrapa Uvas e Vinhos, 1999.

FALCADE, I. **Indicações Geográficas, o caso da região com Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

FONSECA, R. C. V. **Metodologia do Trabalho Científico**. 1 ed. Curitiba: IES Brasil S.A., 2007.

FURTADO, C. **A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina**. Rio de Janeiro: Nacional, 1979.

GALBRAITH, J.R.; LAWLER III, E. F. **Organização para competir no futuro**. São Paulo: Makron Books, 1995.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

IBRAVIN. **Instituto Brasileiro do Vinho. Informes técnicos**. 2013.

INPI. **Indicações Geográficas: Instituto Nacional de Propriedade Intelectual 2000**. Disponível em: <http://www.inpi.gov.br/geografia/conteúdo/ig_geog.htm>

Acesso em: 18 mai 2017.

INSTITUT NATIONAL DES APPELLATIONS D'ORIGINE (INAO). **The official quality and origin signs**. Disponível em: <http://www.inao.gov.fr/public/home.php?pageFromIndex=textesPages/Delegations_de_signature417.php~mnu=417>.

Acesso em: 16 jul. 2018.

JONES, C. I. **Introdução à Teoria do Crescimento Econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliografia, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6 ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

MANUAL DE ECONOMIA. **Equipe de professores da USP**. São Paulo: Saraiva, 1998.

MANUAL DE OSLO. **Interpreting Techological Innovation**. 2007.

MARTINS, F. P. **Embrapa transferência de tecnologia**. Escritório de Campinas. São Paulo, 1999.

MELLO, L.M.R. **Atuação do Brasil no mercado do Vinho**. Embrapa. 2010.

MENDES, J. T. G. JUNIOR, J. B. P. **Agronegócio**. Uma abordagem econômica .São Paulo. Pearson. 2007.

MENDES, J. T. G. **Economia. Fundamentos e Aplicações**. São Paulo. Pearson. 2 ed. 2009.

MEZZAROBA, O. ; MONTEIRO, C.S. **Manual de metodologia no direito**. São Paulo. Saraiva. 2014.

MOCHÓN, F. TROSTER, R. **Introdução à economia**. São Paulo: Makron Books. 2002.

MOTA, T. L. N. G. **Sistemas de Inovação Tecnológica de Economias periféricas**. 1998.

MYRDAL, K. G. **Teoria Econômica e regiões Subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro. Saja, 1998.

NEUMANN, P. S. **A agroindústria familiar de Vinho na Região da Quarta Colônia do Rio Grande do Sul**.2003. Disponível em <http://www.ufsm.br/desenvolvimentorural>>. Acesso em: 16 jul 2018

OCDE. **Manual de Oslo**: diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica. Publicado pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), 3º Edição, 2007.

OIV. **International Organisation of Wine**. 2012.

PREBISCH, R. **Publicado no Brasil na Revista Brasileira de Economia**, setembro de 1949, p. 47-48.

SCHUMPETER, J. A. **The Theory of Economic Development**. Harvard University Press, Cambridge Massachusetts, 1934.

SCHUMPETER, J. A. (1911). **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SMITH, A. **A riqueza das Nações**. São Paulo: Ed. Juruá, 2010.

TONIETTO, J. **Indicação Geográfica Vale dos Vinhedos**: sinal de qualidade inovador na produção de vinhos brasileiros: Florianópolis, Anais. Florianópolis: IESA/SBSP, 2002. p. 1-16.

TONIETTO, J. **Vinhos brasileiros de 4ª geração**: o Brasil na era das indicações geográficas. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2003. 8 p. (Técnico, 45).

VASCONCELLOS, M.A. **Fundamentos de economia**. São Paulo: Saraiva, 2008.

WILKINSON, J. **Mercados, redes e valores**: o novo mundo da agricultura familiar. Porto Alegre. UFRGS, 2008.

VOLTOLINI, J.A; SILVA, A. L. **XV Congresso Latinoamericano de Viticultura**. Embrapa, 2004.

YÁZIGI, E. CARLOS, A. F. A., DA CRUZ, P. C. A. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Humanidade, 1996.

YIN, R. **Estudo de caso Planejamento e Métodos**. São Paulo, 2001.

2 - Outras variedades não autorizadas para IP: área cultivada, sistema de condução e respectiva produção, no período 2002-2012, de propriedade da vinícola (**fazer foto para ilustrar**)

2002 - Variedade	Área (ha)	Sistema de condução	Produção total

2012 - Variedade	Área (ha)	Sistema de condução	Produção total

3 – Novos vinhedos no período 2002-2012: indicar a variedade, área, ano de plantio e sistema de usado.

Variedade	Área (ha)	Ano de plantio	Expansão	Reconversão	Sistema de condução	Custo de Implantação (R\$)

4 - Quais as práticas agrícolas no solo e nos vinhedos para vinhos com IP e sem, no período 2002-2012?

- 2002
- () análise do solo
 - () raleio de cachos
 - () poda verde
 - () pulverizações, quantas por ano?
 - () roçada
 - () herbicida
 - () acompanhamento de técnico agrícola
 - (indicar de quem: Emater ou privados)

- 2012
- () análise do solo
 - () raleio de cachos
 - () poda verde
 - () pulverizações, quantas por ano?
 - () roçada
 - () herbicida
 - () acompanhamento de técnico agrícola

5 - Quanto à colheita das uvas, como ocorre o processo?

- | 2002 | 2012 |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> caixas plásticas | <input type="checkbox"/> caixas plásticas |
| <input type="checkbox"/> trator com caçamba | <input type="checkbox"/> trator com caçamba |
| <input type="checkbox"/> colheita selecionada | <input type="checkbox"/> colheita selecionada |
| <input type="checkbox"/> colheita mecanizada | <input type="checkbox"/> colheita mecanizada |
| <input type="checkbox"/> colheita em diversas etapas (seleção de uvas) | <input type="checkbox"/> colheita em diversas etapas (seleção de uvas) |
| <input type="checkbox"/> colheita e vinificação rápida | <input type="checkbox"/> colheita e vinificação rápida |
| <input type="checkbox"/> lavagem das uvas | <input type="checkbox"/> lavagem das uvas |

6- Máquinas e equipamentos usados nas práticas agrícolas no vinhedo:

- | 2002 | 2012 |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> pulverizador manual | <input type="checkbox"/> pulverizador manual |
| <input type="checkbox"/> pulverização manual e mecânica | <input type="checkbox"/> pulverização manual e mecânica |
| <input type="checkbox"/> pulverização com microtrator | <input type="checkbox"/> pulverização com microtrator |
| <input type="checkbox"/> roçadeira manual | <input type="checkbox"/> roçadeira manual |
| <input type="checkbox"/> roçadeira mecânica | <input type="checkbox"/> roçadeira mecânica |
| <input type="checkbox"/> outras | <input type="checkbox"/> outras |

7- Equipamentos usados no processo para vinificação:

- | 2002 | 2012 |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> esteira de seleção de uvas | <input type="checkbox"/> esteira de seleção de uvas |
| <input type="checkbox"/> lavagem das uvas | <input type="checkbox"/> lavagem das uvas |
| <input type="checkbox"/> esmagadeiras nacionais | <input type="checkbox"/> esmagadeiras nacionais |
| <input type="checkbox"/> esmagadeiras importadas | <input type="checkbox"/> esmagadeiras importadas |
| <input type="checkbox"/> plotador - clarificar uvas brancas | <input type="checkbox"/> plotador - clarificador uva branca |
| <input type="checkbox"/> ariquetor - enriquecedor de mosto | <input type="checkbox"/> ariquetor - enriquecedor de mosto |
| <input type="checkbox"/> fermentação com tanque horizontal | <input type="checkbox"/> fermentação com tanque horizontal |
| <input type="checkbox"/> fermentação com controle de temperatura | <input type="checkbox"/> fermentação com controle de temperatura |
| <input type="checkbox"/> prensa pneumática | <input type="checkbox"/> prensa pneumática |
| <input type="checkbox"/> filtragem do vinho com massa | <input type="checkbox"/> filtragem do vinho com massa |
| <input type="checkbox"/> filtragem com placas | <input type="checkbox"/> filtragem com placas |
| <input type="checkbox"/> filtro tangencial | <input type="checkbox"/> filtro tangencial |
| <input type="checkbox"/> aparelho de osmose inversa | <input type="checkbox"/> aparelho de osmose inversa |
| <input type="checkbox"/> bomba peristáltica | <input type="checkbox"/> bomba peristáltica |

8 - Os espumantes são elaborados na vinícola ou são terceirizados?

- | 2002 | 2012 |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> na vinícola | <input type="checkbox"/> na vinícola |
| <input type="checkbox"/> terceirizados | <input type="checkbox"/> terceirizados |
| <input type="checkbox"/> não trabalham | <input type="checkbox"/> não trabalham |

9 - Como o vinho é envelhecido e engarrafado?

- | 2002 | 2012 |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> em tonéis de madeira | <input type="checkbox"/> em tonéis de madeira |
| <input type="checkbox"/> em tonéis de inox | <input type="checkbox"/> em tonéis de inox |
| <input type="checkbox"/> em barricas de carvalho | <input type="checkbox"/> em barricas de carvalho |
| <input type="checkbox"/> engarrafado manualmente | <input type="checkbox"/> engarrafado manualmente |

- () máquina engarrafadora pequena () máquina engarrafadora pequena
 () máquina engarrafadora grande () máquina engarrafadora grande
 () máquina engarrafadora/rotuladora () máquina engarrafadora/rotuladora

10 - Qual o volume de vinhos brancos, tintos e, produzidos (com IP e sem IP)?

Ano /Vinhos sem IP	Vinhos Brancos	Vinhos Tintos	Espumantes
2002			
2003			
2004			
2005			
2006			
2007			
2008			
2009			
2010			
2011			
2012			

Ano /Vinhos com IP	Vinhos Brancos	Vinhos Tintos	Espumantes
2002			
2003			
2004			
2005			
2006			
2007			
2008			
2009			
2010			
2011			
2012			

11- Evolução dos preços dos dois vinhos sem IP mais vendidos da vinícola e de dois vinhos com IP (em R\$), em valores no início do mês no período 2002-2012, comercializados no varejo da vinícola.

Ano	2002		2003		2004		2005		2006		2007	
Mês	7	12	7	12	7	12	7	12	7	12	7	12
V 1												
V 2												
V1 IP												
V2 IP												

Ano	2008		2009		2010		2011		2012	
Mês	7	12	7	12	7	12	7	12	7	12
V 1										
V 2										
V1 IP										
V2 IP										

- Posteriormente o preço será deflacionado para todos os anos.

12- Responder de acordo com a tabela quanto à escolaridade dos trabalhadores nas vinícolas:

Escolaridade	Nº. func. 2002	Remun. Média	Nº. func. 2012	Remun. Média
Analfabeto				
Fund. Incom.				
Fund. Comp.				
Médio .Incom.				
Médio Comp.				
Téc. Comp.				
Sup. Incompleto				
Sup. Completo				
Pós-Graduação				

13- Escolaridade da família no período em estudo (informando o curso médio e superior). 2002

Proprietário () _____
 Esposa () _____
 Filho 1 () _____
 Filho 2 () _____

2012

Proprietário () _____
 Esposa () _____
 Filho 1 () _____
 Filho 2 () _____

14 - Após a instalação da IPVV ocorreram mudanças na gestão operacional nos vinhedos e nas vinícolas?

2002	2012
<input type="checkbox"/> só familiar	<input type="checkbox"/> só familiar
<input type="checkbox"/> uso familiares indiretos	<input type="checkbox"/> uso familiares indiretos
<input type="checkbox"/> contratados	<input type="checkbox"/> contratados
<input type="checkbox"/> trabalho terceirizado	<input type="checkbox"/> trabalho terceirizado
<input type="checkbox"/> temporários - poda verde	<input type="checkbox"/> temporários - poda verde
<input type="checkbox"/> temporários – colheita	<input type="checkbox"/> temporários - colheita
<input type="checkbox"/> técnico agrícola e enólogo	<input type="checkbox"/> técnico agrícola e enólogo

15 - Na gestão da vinícola como foi a evolução do uso da tecnologia de informação ou software específicos controlando a aquisição de insumos?

2002	2012
<input type="checkbox"/> não existe	<input type="checkbox"/> não existe
<input type="checkbox"/> um pouco	<input type="checkbox"/> um pouco
<input type="checkbox"/> alguns itens	<input type="checkbox"/> alguns itens
<input type="checkbox"/> tudo informatizado	<input type="checkbox"/> tudo informatizado
<input type="checkbox"/> outros	<input type="checkbox"/> outros

16 - Na gestão da vinícola como foi a evolução do uso da tecnologia de informação ou software específicos controlando estoques de vinhos?

2002	2012
<input type="checkbox"/> não existe	<input type="checkbox"/> não existe
<input type="checkbox"/> um pouco	<input type="checkbox"/> um pouco
<input type="checkbox"/> alguns itens	<input type="checkbox"/> alguns itens
<input type="checkbox"/> tudo informatizado	<input type="checkbox"/> tudo informatizado
<input type="checkbox"/> outros	<input type="checkbox"/> outros

17 - Como foi a evolução do uso da tecnologia de informação ou software específicos na gestão da vinícola controlando as vendas e o financeiro?

2002	2012
<input type="checkbox"/> não existe	<input type="checkbox"/> não existe
<input type="checkbox"/> um pouco	<input type="checkbox"/> um pouco
<input type="checkbox"/> alguns itens	<input type="checkbox"/> alguns itens
<input type="checkbox"/> tudo informatizado	<input type="checkbox"/> tudo informatizado
<input type="checkbox"/> outros	<input type="checkbox"/> outros

18 - Que tipo de profissionais de gestão a vinícola possui?

- | | |
|-----------------------------|--------------------------|
| 2002 | 2012 |
| () administrador | () administrador |
| () marketing e vendas | () marketing e vendas |
| () planejamento | () planejamento |
| () turismólogo | () turismólogo |
| () outros – informar | () outros informar..... |

19 - Quantos turistas a vinícola recebe por ano e qual o % dos vinhos da vinícola comercializados com eles

Ano	Nº de Turistas	% de Vinhos da Vinícola	OBS
2002			
2003			
2004			
2005			
2006			
2007			
2008			
2009			
2010			
2011			
2012			

20 – Em sua opinião, quanto do que o Sr. investiu nos vinhedos e na vinícola se deve às exigências de elaborar vinhos para serem comercializado com IPVV? _____ Por que?

21 – Em sua opinião, quais dos seus produtos sustentam a vinícola? Em qual percentual?
